



THE  
GAGA

Esta turma, rapidamente, definiu o tema. Vocês têm em mãos a edição do *3x4 Nêga*. Com diferentes graus de participação, como de resto acontece sempre, a turma como um todo trabalhou perseguindo o "velho" jornalismo, aquele que se faz pela prática coletiva; e que, ao mesmo tempo, procura subverter o "olhar" estabelecido ao deixar de lado o senso comum. Fazia algum tempo que não tinha um semestre tão tranquilo em que todos, dentro de suas possibilidades reais, cumpriram o compromisso assumido na etapa de definição do tema. E tenho quase certeza que todos se fizeram presentes de uma forma não burocrática.

Digo que esta turma aproveitou, de forma magnífica, uma rara oportunidade de realizar um jornal sem as imposições resultantes do espírito de escola técnica, de treinamento de mão-de-obra para o deus mercado. Não foram poucas vezes em que estimei, em conversas paralelas, o sentido de absoluta liberdade, tanto na escolha das pautas, como no enfoque das respectivas matérias. E acima de tudo, na liberdade de criação do texto. Consegui, mais uma vez, me fazer presente como um professor não professoral.

Não existe uma regra. Mas todas as vezes que uma turma consegue estabelecer um nítido grau de definição temática e unidade em torno da escolha, o resultado final fica acima da média. Tenho a convicção de que este exemplar, por estas e outras tantas razões, terá um lugar de destaque na história do *3x4*, pelo menos do período que atuo como editor.

Mas nossas almas, de todos nós que trabalhamos nessa edição, está colocada no editorial escrito pela Lucilene, a nêga linda da turma que nos ofereceu, com humildade, inteligência, conhecimento, história e acima de tudo sua cor. Pelas cotas!!!!

Wladimir Ungaretti

*E há quem diga que não existe racismo no Brasil. Talvez este seja o mais perigoso tipo de discriminação, pois tira do negro o direito de se expressar contra a injustiça. A luta contra o racismo passa justamente por aí: é em sua essência, antes e depois de tudo, o exercício de ouvir a voz do negro. Por isso mesmo este editorial não é nosso, dos alunos brancos. O espaço é da Lucilene Athaide, a única negra da turma, nossos olhos e ouvidos para esta realidade. No coro da *3x4 Nêga*, é dela a voz que canta mais alto, a voz a qual tentamos somar as nossas:*

Mais uma *3x4* é finalizada com êxito. Mais uma turma escolhe um tema, analisa, debate e reflete sobre ele. Qual o diferencial desta vez? Optamos conjuntamente por abordar algo que está intimamente ligado com a história da maior parte da população: o negro.

Confesso que quando surgiu a possibilidade de tratar sobre o tema, me apareceram alguns questionamentos: vamos cair no lugar comum? Conseguiremos não ofender, não tratar de forma redundante? E eu, conseguirei não parecer tendenciosa ou parcial demais? Em meio a tantas dúvidas ao longo da produção surgiram surpresas maravilhosas.

Descobri uma sensibilidade e delicadeza imensa. Uns mais engajados, outros curiosos, como todo bom jornalista deve ser. Mas todos com um empenho enorme para fazer o nosso "bonde" andar, a nossa escola entrar na avenida. Descobri que ter um olhar aguçado, indispensável na profissão, não significa nada se não houver um olhar humano sobre o trabalho. Encontrei este olhar a cada reunião de pauta.

Falar de negritude pra mim é mais do que o privilégio de mostrar a minha cor - estampada orgulhosamente -, é também a oportunidade de refletir sobre um passado que ainda dói. Falar de negritude é gritar ao mundo que o preconceito, a desigualdade, a falta de condições dignas de sobrevivência são mazelas tão próximas de nós que passam imperceptíveis. Corrigir tantos anos de exclusão? Acredito ser difícil. Não foi este nosso objetivo. Mas só de saber que existe este bando de jornalistas (por ora sem diploma, mas com um profissionalismo digno de aplausos) já dá um novo fôlego para seguir adiante.

Saímos desta publicação um pouco mais tímidos com o mundo, tristes com a realidade, encantados com a musicalidade, confortados pelos orixás. Saímos desta *3x4* mais blacks, mais ébanos, mais negros. Negros de luto? Talvez... O melhor de tudo agora é a sensação de dever cumprido ao fazer o agradecimento sincero: ao Mestre Ungarêtti com carinho e devoção e aos colegas pelo trabalho realizado. Obrigada negada! Axé meus homens de cor!

Lucilene Athaide

# SUMÁRIO

**OS PRIMEIROS NEGROS  
DO RIO GRANDE DO SUL**  
Leonardo Baldessarelli  
p. 4

**QUILOMBO É LUTA**  
Luis Felipe Abreu  
p. 6

**NA MIRA DO PRECONCEITO**  
Jônatha Bittencourt  
p. 10

**UMA TRADIÇÃO DE DEVOÇÃO,  
UMA TRADIÇÃO NEGRA**  
Gabrielle de Paula  
p. 12

**A UMBANDA É COMO A GENTE,  
É O POVO BRASILVEIRO**  
Diego Felipe Weiler  
p. 16

**ATABAQUE REI**  
Ana Carolina Giollo  
p. 19

**O MAIS BONITO É A NOSSA COR**  
Laura Xavier  
p. 21

**ASSOCIA(AÇÃO)**  
Luíza Cuthi Mattia  
p. 24

**COTAS EM DEBATE**  
Gabrielle de Paula  
Luis Felipe Abreu  
Yamini Benites  
p. 26

**EMPREGO  
OBSTÁCULOS DA COR**  
Guilherme Augusto  
p. 30

**NEGRAÇÃO  
A NEGRADA DA UFRGS**  
Nathalia Bittencourt  
p. 32

**BATUCADA DE BAMBA,  
CADÊNCIA BONITA DO SAMBA**  
Hudson Nogueira  
p. 34

**JUÇARA MARÇAL**  
Luciano Viegas  
p. 37

**A VOZ DA FAVELA:  
OS DEZ ANOS DA MORTE DE  
SABOTAGE**  
Jefferson Bredow,  
p. 39

**BATALHA DO MERCADO**  
Maurício Lobo  
p. 41

**DEIXA O MENINO JOGAR**  
Marina Pagno  
p. 43

**FUTEBOL,  
ESPORTE DOS BRANCOS**  
Manuela Ramos  
p. 45

**A TRAIÇÃO FARROUPILHA**  
Cecília Ribeiro  
p. 47

**RIO BRANCO,  
COLÔNIA NEGRA**  
Matheus Bertoldo Bazeggio da Rocha  
p. 48

**COMPLEXO CULTURAL  
DO PORTO SECO**  
Lucilene Athaide  
p. 51

# OS PRIMEIROS NEGROS DO RIO GRANDE DO SUL

por Leonardo Baldessarelli

**P**assos firmes, olhos atentos. A figura, masculina, negra e um pouco baixa, emana força enquanto caminha pelo campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O movimento é incessante no local. É a quarta-feira de uma semana de Salão Universitário e adolescentes dividem o espaço com funcionários e bolsistas. Ele chega às proximidades de um restaurante e reconhece alguém, que aparentemente o espera. Após ser cumprimentado, senta-se à mesa e observa o seu mais novo conhecido posicionar um celular próximo a sua boca e perguntar: "Então, professor, como os negros chegaram ao Rio Grande do Sul?"

Paulo Sérgio da Silva é professor da rede pública municipal de Porto Alegre e faz parte da Coordenação Pedagógica do Curso Procedimentos Didático Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro brasileira, atividade de extensão desenvolvida pelo Deds (Prorext-UFRGS) em parceria para formação com 13 Prefeituras Municipais da região metropolitana. Antes disso, Paulo dedicou sua vida para a causa negra. Sua graduação no curso de História, realizada no IPA, teve como trabalho de conclusão um estudo sobre a população negra na capital gaúcha através dos tempos. O mestrado em Extensão Rural e o doutorado em Educação, ambos na UFRGS, focaram na causa quilombola, com o primeiro tratando das relações políticas entre as comunidades e os outros campos sociais e o segundo estudando o modo como os quilombolas atuam na educação.

Logo ele começa a traçar uma linha histórica, que, nas suas palavras, explica a "eterna marginalidade" do negro na sociedade brasileira. Por volta do século XVIII, o território que hoje forma o estado do Rio



Acervo Museu da UFRGS

Grande do Sul era ocupado por índios e jesuítas, em suas missões de colonização e doutrinação. Antes disso, a região não chamava a atenção das coroas espanhola e portuguesa por parecer improdutiva. Após um período curto de ocupação, os jesuítas foram expulsos, durante um evento que os historiadores veem com muitas suposições e poucas certezas.

Na mesma época em que os jesuítas estavam estabelecidos na região, a Inglaterra impôs um embargo econômico e político sobre Portugal e, conseqüentemente, a colônia brasileira. Novas opções eram necessárias para a exploração do território, e os portugueses observavam há tempos o desenvolvimento da pecuária pelos jesuítas em suas missões. Especialistas se contrapõem neste ponto. Enquanto Paulo vê uma natural expulsão pelos índios guaranis, enciclopédias como a Britannica (em sua última edição, a internacional de 2012) e a Balsa (2006) apontam uma expulsão pelos bandeirantes. Acima das dúvidas, sabe-se que o gado se espalhou pelas terras gaúchas, sem ter o cuidado dos colonizadores.

Os portugueses não demoram para vir ao sul e se estabelecerem com a produção do charque. A primeira leva de produtores a chegar no território é cearense, e toma como casa a região em que hoje se situa a fronteira do Brasil com o Uruguai. A recém fundada cidade de Pelotas se torna um polo econômico, e a região começa a se desenvolver. Paulo destaca a época como essencial para a entrada da população negra no estado.

Foram os primeiros negros que pisaram na região, e, como destaca Paulo, foram o motor do desenvolvimento do local. "A população negra no estado, assim como em todo o Brasil e na América Latina como um todo, foi a grande propulsora desse espaço territorial

como um espaço passível de desenvolvimento. O que movimentou a roda da economia, o que possibilitou que o Rio Grande do Sul fosse um lugar ocupado posteriormente por



Acervo Museu da UFRGS



*Trabalhadores negros em Charqueadas, no ano de 1918*

Museu da UFRGS

outros grupos étnicos foi o trabalho do escravo. Se não fosse a mão-de-obra da população pra tornar viável essa região meridional do Brasil, esse lugar aqui seria uma terra de ninguém. Só que esse fato, ao longo do tempo, é invisibilizado. Prova disso, por exemplo, é que o estado do Rio Grande do Sul, é considerado o espaço mais europeu da América.”

A mudança começou no século XIX, ao mesmo tempo em que os primeiros imigrantes europeus começavam a chegar na província. “Hoje, o trabalho é uma coisa que enobrece o homem, mas na época da escravidão não era. Naquela época isso era coisa de gente que não fora criada nos preceitos cristãos, de gente que não era criada em uma sociedade eurocêntrica, centrada nos valores étnico-raciais. A chegada dos imigrantes e sua tradição protestante mudou as relações com o trabalho, e a ideia de escravo começou a desaparecer em algumas partes do território.”

Mas essa visão do trabalho como honra vindo da doutrina protestante não facilitou o processo de abolição da escravidão no território. Mesmo tendo começado antes, as ideias abolicionistas estavam presas no pensamento do negro como inferior, se apoiando na falta de conhecimento por parte dos escravos.

“No Rio Grande do Sul existiu uma pré-abolição, com a assinatura de acordos, em 1884. Os termos trocavam mais

um período de tempo de escravidão pela liberdade futura. Uma cláusula obriga o escravo a prestar serviços a seu senhor até 1891, sete anos a frente de 1884. Eles aboliam a escravidão, mas obrigavam as pessoas a continuarem trabalhando na mesma condição. Isso representou o começo da exclusão da população negra do desenvolvimento. O trabalho como enobecedor serve apenas para os brancos.”

Mais de um século depois, a situação do negro teve mudanças naturais, mas a ideologia do embranquecimento, do negro como algo menor ainda se mostra presente em nossa sociedade. Mas há um movimento presente, que luta pelas causas negras, tentando mudar a situação. Paulo defende a educação como o centro desta luta. “O movimento negro surgiu na década de 30, com a Frente Negra Brasileira, mas o pensamento na educação como o ponto central veio mais forte nos anos 70,

com o Movimento Negro Unificado. Começou-se a prestar atenção em dados alarmantes. 2% dos ingressantes em universidades eram negros, quando eles representavam 50% da população local. A sociedade é hostil ao negro. Ela grita: o negro não tem lugar na academia, apenas em profissões marginais. Essa disputa por conhecimento é uma disputa por poder, e, daqui pra pouco você está colocando, frente a frente, duas realidades completamente diferentes. As ações afirmativas eram indispensáveis.”◆

**“2% dos ingressantes em universidades eram negros, quando eles representavam 50% da população local.”**

**QUILÔMETROS  
NA LUTA  
POR MAIS SAÚDE  
EDUCAÇÃO E CULTURA**

**BOBILLO É  
LUTA**

por Luis Felipe Abreu

No dia 30 de agosto, dezenas de quilombolas acampavam, junto a indígenas, em frente ao Palácio do Piratini. Já estavam ali desde a noite anterior, à espera de um convite para entrar na sede do Governo do Estado. Tinham esperança de se reunir com o governador, Tarso Genro, que havia prometido lhes entregar um ofício relatando as medidas que seriam tomadas para a demarcação de terras no Rio Grande do Sul. Tarso não estava. Embora acostumados a exercícios de paciência e burocracia, os manifestantes se incomodavam com a espera. Às 15h30, quando um pequeno grupo se destacou e se aproximou do Palácio derrubando parte de uma grade de proteção. A confusão teve início. A Tropa de Choque da Polícia Militar começava a atirar bombas de gás lacrimogêneo contra as famílias presentes, tentando dissipar o movimento. Cruzando o ar, as balas de borracha não tardaram a entrar em cena. Em meio ao caos, era como se os 125 anos passados desde a abolição da escravidão fossem tão etéreos quanto a fumaça das bombas. Era mais uma etapa da contínua marginalização do povo negro e suas demandas - era uma ponte no tempo, remetendo direto aos dias coloniais. A polícia feito capitães do mato.

**N**o dia 02 de outubro, cerca de 300 representantes de comunidades indígenas e quilombolas voltaram a se reunir, desta vez diante da sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A ocupação protestava contra a PEC 215, projeto que sugere a transmissão das responsabilidades sobre as demarcações, do Incra para o Congresso. O problema é que, com isto, a bancada ruralista adquire poder de vetar a concessão de terras em conflito, de interesse do agronegócio - é o que dizem especialistas na causa fundiária.

Uma destas autoridades participa da ocupação do Incra. Onir Araújo é advogado e membro da Frente Quilombola do Rio Grande do Sul. Vestindo uma camiseta que traz estampadas uma foto e uma frase ("É preciso que defendamos nossos direitos, por quaisquer meios necessários") de Malcom X, ele arregimenta em torno de si as lideranças do movimento negro. "Esse projeto é um absurdo, que quer nos arrebentar. Essa transferência de responsabilidade coloca em perigo todos os processos correntes, além de colocar em questão até mesmo aqueles já concretizados", explica. "Faz parte do racismo institucional que existe, historicamente, no Brasil".

Os quilombos são - embora não o pareçam - uma realidade atual. O livro *Quilombos - geografia africana, cartografia étnica e territórios tradicionais*, de Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, de 2009, fala na existência de mais de 3 mil comunidades de origem quilombola no país. Já a Fundação Cultural Palmares - órgão ligado ao Ministério da Cultura, responsável pela preservação da memória negra - reconheceu, até este ano, 1886 quilombos. Embora grande parte deles se situe em zonas rurais, há um bom número de comunidades urbanas. Porto Alegre possui quatro destas: Fidélis, no Bairro Azenha; Família Silva, no Três Figueiras; Areal da Baronesa, no Menino Deus; Alpes, no Cruzeiro.

Manuel Chico veio do norte do Estado para a ocupação. O agricultor viveu cada ano de seus 93 na comunidade quilombola de Morro Alto, em Osório, que há muito preside e lidera. "Vou te dizer que nem sou brasileiro. Minha bisavó era de Moçambique e meu bisavô italiano. E eu não nasci no Brasil, nasci no quilombo". A comunidade de Morro Alto é um bom exemplo do complicado processo de titulação da terra. Habitado pelos quilombolas desde 1907, o local luta há anos pelo reconhecimento. Foram necessárias duas ocupações do Incra e um blo-

queio de estrada para que o Estado aceitasse o processo - e apenas neste ano foi concluído o relatório antropológico que dá subsídios à demarcação. Nada é garantido, e por enquanto as 160 famílias do lugar moram nas duas sesmarias que não foram tomadas por fazendeiros. "Tudo é nosso e nós não temos nada", resume Chico. Aos moradores já foi oferecida, pelo Incra, a possibilidade de receberem terrenos para se estabelecerem, sem que seja necessário remover os não quilombolas que tomaram os assentamentos originários. Proposta não aceita. "A questão não é apenas de ter uma terra, qualquer uma que esteja livre e que o Governo ceda", explica Araújo. "É ter a sua terra, de seus antepassados. A relação com essa terra é umbilical."

O caminho da titulação - instituído em 2003, pelo Decreto nº 4.887 - é longo e cheio de desvios. Primeiramente, a comunidade precisa contatar a Fundação Palmares e solicitar um certificado de auto reconhecimento. De posse do documento, deve-se entrar junto ao Incra. O órgão exige então que se faça um relatório históricoantropológico que comprove a herança quilombola. Pronto e publicado, o relatório é aberto para contestações de eventuais queixosos. Passada essa fase, há uma análise da situação fundiária e, finalmente, a outorga do terreno. Embora possa ser resumido assim, em poucas linhas, o caminho é intricado e pode levar mais de uma década. "Feijão velho", é como Araújo define o Governo e demais órgãos responsáveis pela demarcação. "Para cozinhar feijão velho tem que ter muito mais pressão. Nós temos que fazer o máximo de pressão nesse pessoal para conseguir justiça. E para dar pressão no feijão não adianta colocar só uma brasinha embaixo da panela. Tem que ser muitas brasas, todas bem juntas. Nós quilombolas precisamos ficar unidos".

A comitiva que ocupava o Incra deixou a frente do prédio no meio da tarde do dia 2, indo em direção ao Palácio do Piratini. Diante da sede do Governo, foram recebidos por um paredão de PMs e pelo chefe de gabinete da Casa Civil, Flávio Hellmann. Os manifestantes foram convidados por Hellmann para uma reunião na tarde seguinte, na sede do Ministério Público Federal, para discutir suas demandas e a (falta de) posição do Estado. Ao chegarem no local combinado, porém, quilombolas e indígenas foram pegos de surpresa. O Governo não havia marcado nada junto ao Ministério: não havia reunião. Era mais uma cortina de fumaça.

# FRAGMENTOS DO AREAL

“Sim, sou nascido e criado aqui”. Da boca de diversas pessoas, sempre esta mesma resposta, quando se pergunta se moram no Areal da Baronesa. Não é uma questão de morar: é de ser.

2003. Organizada, a comunidade passa a buscar modos de legalizar sua situação. O Centro de Mães que existe é transformado na Associação Comunitária e Cultural Areal da Baronesa. Com a certidão de auto-reconhecimento homologada, é aberto o processo junto ao Incra.

2013. É publicado no Diário Oficial da União, o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da comunidade quilombola do Areal, onde moram, hoje, 67 famílias. É o reconhecimento, enfim conquistado. À espera de transcorrer o tempo previsto para que se registre o terreno em cartório, a área já comemora. Fabiane Xavier, descendente dos escravos que primeiramente habitaram a região e integrante da Associação afirma que agora será possível melhorar a vida dos moradores. “Sendo donos das comunidades, reconhecidas, podemos pedir uma série de reformas e melhorias à Prefeitura, até por ser uma região de interesse cultural.

Fora o orgulho que surge, de poder honrar ainda mais nossas raízes”.

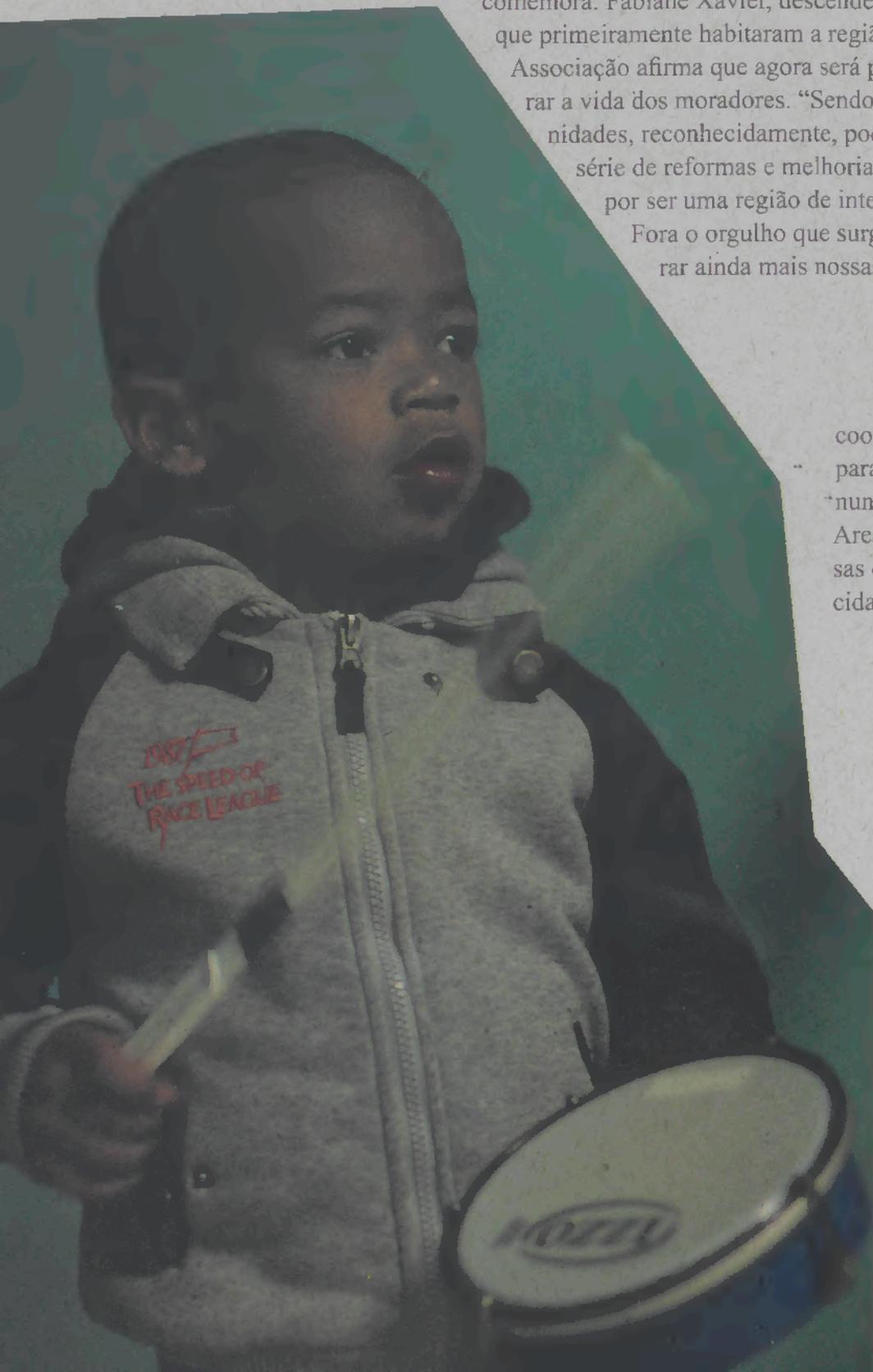
O quilombo do Areal ocupa toda a Avenida Luiz Guaranha, um pequena via sem saída que marca a fronteira entre os bairros Menino Deus e Cidade Baixa. As origens do local remontam ao começo do século XIX, período em que a região abrigava o sítio do Barão de Gravataí. Quando o nobre morreu subitamente, sua mulher, louca de saudade, morreu, deixando sem donos seus terrenos. Os escravos do local passaram a se assentar ali, de forma precária, até que, no começo do século XX, o caixeiro-viajante Luiz Guaranha viu nos negros uma oportunidade de negócio. Construiu no local uma série de residências, as alugando para quem ali já morava. Ao morrer, doou seu nome para a rua e suas propriedades para a Santa Casa. Posteriormente, a Prefeitura fez uma permuta, trocando terrenos pelas casas, para doá-las aos descendentes de escravos e demais pessoas que moravam no local.

Dona Olga tem

83 anos e olhos de um azul que comprova o quão movediças são as fronteiras entre o que se entende como “branco” e “negro”. Mora no Areal há tanto tempo que não sabe precisar bem quanto. Não é daqui - veio acompanhando o marido - mas já se considera parte do lugar. Diante da casa 26, onde mora, admite “não tem como sair daqui. Quem vem pra cá fica. Quem nasce então, não vai embora”.

Cleusa morou no Areal por alguns anos, durante os anos 1990. Já se mudou, mas continua aqui (ou será o Areal que continua nela?): coordena o Areal do Futuro, projeto que dá aulas de percussão para crianças, reavivando a memória sambista que há no local, “nunca esquecida, mesmo com o fim da escola Integração do Areal da Baronesa. “O verdadeiro berço do samba é aqui. Essas outras comunidades podem usar o slogan, mas é só publicidade”, esclarece. O Arealzinho, como é conhecido o projeto, também é tocado pelos professores Paulinho e Daniel, atendendo hoje mais de quase 70 crianças - herdeiras do Rei Momo Lelé, entre tantos nomes que Cleusa rememoram como marcas do carnaval da Baronesa.

São mais de dez crianças, que se revezam no comando dos oito repiques disponíveis. Têm entre seis e dez anos. Riem, brincam, se provocam - até o momento em que Daniel dá o ritmo e conta “um, dois, três, quatro”. Então tudo muda e as crianças se compenetraram na música, enchendo de som a sala da Associação. Mas são crianças, e não demora para que uma cutuque a outra, lhe conte uma piada, bata mais vezes que o necessário no instrumento, só de brincadeira. Daniel então repreende: “Peruca! Pessoal, zoeira pro Peruca!”. E todos - até o pequeno Peruca - batucam ao mesmo tempo.



## FRAGMENTOS DOS SILVA

Chovia. Munidos com falsas ordens de despejos e acompanhados pelas armas da Brigada Militar, caminhões cercavam o quilombo. Dentro dele, os moradores se uniam: um fogão industrial não parava nunca, alimentando os resistentes. Era imprescindível que permanecessem atentos. No auge da crise, os Silva se cercaram de pneus velhos, aos quais atearam fogo. Durou 15 dias. Choveu por todo o tempo. Um termo de posse do quilombo, lavrado às pressas pelo Incra, foi o que afastou os sedentos de terras. Foi em 2005. Os quilombolas lembram como se fosse ontem. Esperam que não seja amanhã.

Logo na entrada, uma situação curiosa.

Um dos prédios que cercam o quilombo foi sendo construído para dentro do terreno negro. “Chegou a derrubar uma casa aqui”, conta Lígia. “Agora a obra está embargada e ficou assim”. O paredão sem reboco invade o verde que caracteriza o quilombo, uma clareira de árvores na selva urbana, onde uma dezena de casas simples abriga 60 famílias.

“Ah, a situação com a Brigada sempre foi complicada, né. Eles gostavam de entrar com aqueles cavalos deles aqui no meio do terreno, dar uma volta, pra mostrar que estavam de olho. E aquela praça que tem ali mais embaixo na João Caetano, não tinha como nós irmos. Era sempre uma briga. Uma vez tinha um menino aqui do quilombo brincando lá e nem sei o que deu, uma briga lá, logo estava cheio de brigadiano. E eles começaram a bater. Chegou a mãe dele e apanhou junto. Ela estava grávida na época, perdeu o bebê de tanto que deram nela”, lembra Lígia, calma.

Não importa quão escabrosa seja a situação relatada, Lígia conta a história como se não fosse nada demais. Seu tom de voz é uniforme, lento, e ela não costuma enfatizar palavras em suas frases, gerando um ritmo monocórdio. É como se os problemas fossem tão correntes que se transformaram em cotidiano. Como se a resignação fosse tanta que não se entendesse o abuso como tal, e sim como mais uma ocorrência do destino, um acaso da rotina. Se a vida é lutar, lutar é viver – e viver cansa.

A titulação veio, finalmente, em 2009. “É uma segurança pra nós, né”, desabafa Lígia. “Segurança de que não vai mais querer nos tirar daqui, que a polícia não vai mais invadir”. Embora o direito à terra esteja garantido e o quilombo viva dias de calmaria, Luix da Costa, jornalista ligado ao Movimento Negro Unificado e morador do quilombo, não parece tão confiante quanto Lígia. “É preciso que eles continuem atentos. A polícia, as construtoras, a burguesia, eles vão continuar tentando achar brechas para entrar aqui dentro”, explica. “Eles não aceitam um bando de negros no quintal deles”.

A rua João Caetano surge perpendicular à avenida Nilo Peçanha, entre um empreendimento comercial de luxo e uma churrascaria – ou melhor, steak’s house - Na Brasa. A rua sobe em declive e quanto mais se está, mais prédios há ao redor. Uma série de condomínios em construção acinzentam a paisagem, até que, no topo da via, uma área arborizada traz a placa: Comunidade remanescente de quilombo Família Silva. Logo embaixo, em vermelho, o aviso: PROIBIDA A ENTRADA DE PESSOAS ESTRANHAS. Se o sinal soa antipático, a impressão é logo desfeita por dona Lígia, líder comunitária, que nos espera sorridente em frente ao local.

O bairro Três Figueiras é o mais caro de Porto Alegre. O valor médio do metro quadrado no local é de R\$ 6.834, de acordo com dados deste ano da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). O grande problema do Quilombo dos Silva é ocupar 4.445,71 destes metros quadrados. “Você não têm noção, estão sentados em cima do petróleo”, lhes disse uma vez um dos tantos oficiais de justiça falsos que circundaram o terreno, urubus imobiliários.

Gabrielle de Paula





# NA MIRA DO PRECONCEITO

por Jônatha Bittencourt

*É noite. Você caminha por uma rua escura e deserta. Mais à frente, uma pessoa pode ser vista se movendo em sua direção. A riqueza de detalhes aumenta à medida que o indivíduo se aproxima, até que... é um negro! Diante da constatação, duas alternativas vêm à sua mente: dar meia-volta ou seguir em frente, mas pela calçada do outro lado da via. O que acabou não percebendo é que, ao contrário do que você imaginava, à sua frente havia uma vítima em potencial.*

**D**ados apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) apontam que a cada três assassinatos no Brasil, dois são de negros. O simples fato de ser negro implica em um aumento de aproximadamente 8% da probabilidade de ser vítima de homicídio.

Outro ponto alarmante é a expectativa de vida decrescente devido à violência letal. Enquanto o homem negro perde 1,73 ano de expectativa ao nascer, a perda do branco é de 0,71. Uma diferença de 114%. Mas não basta enfrentar esses números no início da vida porque as estatísticas dão conta de mostrar que as chances de um adolescente ser vítima de homicídio são 3,7 vezes maiores por ele ser negro.

Considerando uma amostragem divulgada pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade de Porto Alegre, que compreende os anos 2000 a 2010, é possível analisar a taxa de homicídio juvenil de 15 a 29 anos de idade na capital gaúcha. Para a população não-negra há um declínio na taxa nesses 10 anos. No entanto, os valores para a população negra apresentam um acréscimo de 10% e são duas vezes maiores.

Em meio ao cenário de brutalidade crescente, existem aquelas pessoas que sobrevivem à agressão. E o que mais surpreende nesse aspecto é que, segundo o Ipea, 61,8% dos negros que sofreram algum tipo de violência não procuraram a ajuda da polícia.

A Pesquisa Nacional de Vitimização, promovida pelo Ministério da Justiça, mostra que 6,5% dos negros que sofreram agressão no ano anterior à coleta de dados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, tiveram como principais agressores policiais ou seguranças privados. Já entre os brancos o incidente ficou na casa dos 3,7%. Mais de 60% dos negros agredidos que deixaram de recorrer à polícia informaram que fizeram isso porque não acreditavam nela e não queriam envolvê-la por medo ou represália.

O reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares (inaugurada em São Paulo no ano de 2003, veio a se tornar a primeira faculdade do país idealizada por negros), Prof. Dr. José Vicente, tem se colocado à disposição para analisar esse quadro geral de violência que tem vitimado majoritariamente o povo negro. De uma forma geral, ele afirma que a pesquisa serve para “confirmar que o Brasil real, a sociedade real,



ainda trata seus próprios cidadãos de uma forma bem diferenciada”.

“Nossas forças policiais são extremamente letais. E isso é contra negros e brancos. Ninguém pode se sentir seguro diante de uma abordagem. Essas forças de segurança contam com um caráter extremamente patrimonialista”, afirma o reitor.

“Além disso, existe aquela clássica definição de quem é o inimigo patrimonial: fundamentalmente pobre e fundamentalmente negro.”

Sem dúvida alguma, seria grande a possibilidade do primeiro parágrafo desta reportagem terminar com uma abordagem se um policial estivesse envolvido. Suspeita e abordagem são instrumentos de trabalho do agente de segurança. Com base no Código de Processo Penal, a simples (e subjetiva) suspeita pode justificar uma revista pessoal. Na prática, os sinais identificados para abordar alguém costumam estar associados à condição social e à cor da pele.

 A cada três assassinados, um é negro.

 Ser negro implica em um aumento de 8% na probabilidade de ser assassinado.

 6,5% dos negros agredidos o são pela polícia.

Por satisfazer os pré-requisitos de discriminação intrínseca, quase sempre o negro é o primeiro a ser abordado – senão o único.

O conceito de racismo institucional, inclusive, parece bastante adequado ao contexto, mas é necessário entender que isso é apenas a

ponta do iceberg. E é de olho nisso que o reitor José Vicente faz o seguinte apelo à razão:

“O que nos resta fazer é construir políticas públicas estatais, sociais e corporativas para que seja extirpado esse pensamento de superior e inferior. Temos uma polícia que precisa ser preparada para tratar todos dignamente. O Ministério Público precisa ser chamado à responsabilidade para que o papel constitucional seja cumprido. Da mesma maneira o Judiciário. É raro você encontrar um cidadão que tenha sido condenado e enclausurado por ato de racismo, algo que borbulha em todas as dimensões da nossa sociedade, mesmo se tratando de um crime hediondo e inafiançável. Também precisamos chamar a atenção da imprensa, que passa por cima dessa discussão, mal dá registro das situações e tem assumido uma postura de invisibilidade do negro”, conclui.

Da próxima vez que pensar em dar meia-volta ou atravessar para o outro lado da rua, não esqueça que à sua frente pode estar alguém correndo mais risco do que você♦



Wagner Innocêncio

# LUMA TRADIÇÃO DE DEVOÇÃO LUMA TRADIÇÃO NEGRA

por Gabrielle de Paula\*

\* Agradeço o Museu da UFRGS pelo apoio na realização desta matéria

**N**egros vestidos de branco. Tambores. Dançantes. Homens descalços pelas ruas da cidade. Eles adentram a igreja onde o rei e a rainha participam de uma missa católica. É na Bahia? Não, é no litoral norte do Rio Grande do Sul: Osório. É a Festa do Rosário. É o Maçambique de Osório!

Maçambique de Osório é como é chamada uma congada que acontece no mês de outubro na Festa de Nossa Senhora do Rosário. A tradição é praticada por negros devotos a Nossa Senhora do Rosário que através de seus cantos, tambores e danças pagam promessa pelas graças atendidas. As congadas são manifestações tradicionais que estão presentes em todo o país e misturam os elementos africanos com os da religião católica. A devoção de jovens e adultos impressiona e uma forte energia paira no ar quando os primeiros sons do tambor começam a tocar. São meninos, adultos e velhos, são homens de diferentes gerações que dançam e cantam para preservarem sua forte cultura negra. O rei do Congo, Sebastião Antonio, participa da festa desde os 12 anos de idade.

Neste ano, a igreja matriz da cidade passa por reformas, e a missa de domingo com a presença da rainha Ginga e do rei do Congo foi realizada em um salão paroquial lotado pela comunidade da cidade. Negros e brancos compartilhando um espaço onde o silêncio das orações é quebrado pelos cânticos e sons dos tamboreiros. A entrada do grupo é feita sob o cruzamento das espadas dos Capitães. Após a missa, as pessoas seguem em procissão pelas ruas da terra dos ventos. E são eles, os ventos, que fazem tremular as fitas coloridas da representação africana da santa. Cada fita representa uma promessa. À frente, segue a imagem católica carregada nos ombros daqueles que pagam as bênçãos alcançadas. Uma das mãos negras que faz rufar os tambores é a de Antônio Nunes da Silva, que aos 83 anos, toca com uma disposição pueril. Segurando firme seu rosário, a rainha Ginga, Severina Dias, observa a todos com os olhos marejados de emoção. Nas canelas dos dançantes vai amarrada a herança angolana do chocalho, que reforça a sonoridade do acontecimento.

A relação do grupo de Maçambique com o restante da população aparenta ser amigável e respeitosa, mesmo que alguns olhares sejam de indiferença. A festa de 2013 foi capitalizada e a venda de ingressos antecipados para o tradicional almoço dificultou a entrada dos familiares acostumados a acompanhar os festejos. Ainda que a igreja pareça ter o controle do evento, é o ritual do Maçambique que torna a comemoração mais bonita e emocionante. Pois são eles, os negros, que passam a tradição para seus filhos e netos. Uma



tradição de devoção: uma tradição negra.

Eles são negros, são brasileiros afrodescendentes, são gaúchos. Os maçambiqueiros são remanescentes do quilombo de Morro Alto e há alguns anos migraram para Osório. O constante avanço das pedreiras no território quilombola contribuiu para a migração do grupo. Hoje, muitos residem nas regiões periféricas da cidade. Não tiveram seu espaço respeitado e a sua cultura ainda é invisibilizada. Desde meados do século XIX, o ritual de devoção católica negra é praticado na região. Mas quem em outro lugar do Estado conhece esta resistência cultural mantida pelos negros? Quem tem conhecimento de que existem quilombos no Rio Grande do Sul?

Francisca Dias, coordenadora do grupo Maçambique de Osório e filha da rainha Ginga, destaca em seu discurso que os maçambiqueiros “não estão na página dos jornais e nem na televisão, assim, parece que não existem”. Mas, sobretudo, temos que lembrar que eles não estão nos livros de História. O Rio Grande do Sul é um estado negro, sim. Possui uma herança negra muito forte. No entanto, insiste em cultuar símbolos latifundiários e escravagistas como o de Bento Gonçalves.

A irmandade constituída pelo Maçambique não é só um importante patrimônio cultural, mas também uma manifestação fundamental de resistência política, negra e de matriz africana, que grita através de seus tambores: “nós estamos aqui”. Que o cruzamento de espadas continue protegendo essa performance de força, fé e beleza, para que a identidade da cultura afro-brasileira se mantenha fortalecida.♦





# A UMBANDA É COMO A GENTE É O POVO BRASILEIRO

por Diego Felipe Weiler

*Esta história parte da escolha de um grande tema e da curiosidade de um aspirante à jornalista. O tema é o desta 3x4 - a gama cultural que envolve o povo negro no Brasil - e a curiosidade é minha, e é antiga.*

*Não sou apegado à religião. Nem à minha de batismo, católica, e nem a nenhuma outra, mas confesso que sempre mantive uma curiosidade acerca das religiões de origem africana, principalmente a Umbanda e o Candomblé. Por falta de tempo ou por preguiça, acabei a vida toda deixando para depois e nunca entrei a fundo no assunto. Até que chegava o dois de fevereiro, as oferendas na praia, e novamente a curiosidade saltava. Quando decidimos o tema desta revista, vi, enfim, a chance de me aproximar da questão.*

*Logo nas primeiras pesquisas, quatro cultos me despertaram interesse. São eles a Umbanda, o Candomblé, a Quimbanda e o Batuque. Decidi focar na Umbanda, por ter sido criada no Brasil e por ela agregar boa parte das outras religiões africanas, além de fragmentos do catolicismo, do espiritismo e de crenças indígenas.*

*Origens negras, brancas e indígenas, a Umbanda é a cara do Brasil.*

## HISTÓRIA

*A Umbanda teria surgido em 1908, no Rio de Janeiro. Na ocasião, o jovem Zélio Fernandino de Moraes, de 17 anos, sofria de uma estranha paralisia que os médicos da época não conseguiam explicar. Certo dia, o rapaz ergueu-se e declarou: "amanhã estarei curado". De fato, no outro dia Zélio levantou da cama como se jamais tivesse sofrido com problema algum.*

*Um amigo sugeriu ao jovem participar de uma sessão espírita para averiguar o caso. Durante tal sessão, os médiuns kardecistas percebiam a manifestação de espíritos de negros escravos e índios, os quais eram considerados "espíritos atrasados", pelo grau cultural que possuíam, e não eram aceitos pelos responsáveis da sessão.*

*Após argumentações por partes dos médiuns, um dos espíritos se manifestou através de Zélio, dizendo que se os espíritos de negros e índios ali não tinham lugar, no dia seguinte um novo culto seria criado, para quem desejasse ouvir as mensagens e ensinamentos destes antepassados. Tal anúncio foi, ao final, assinado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. No dia 15 de novembro de 1908 surge a Umbanda.*

**P**ara entender um pouco como funciona o ritual, decidi visitar o templo de Umbanda União da Luz, que fica na Cidade Baixa. Nas terças-feiras ocorrem sessões gratuitas em que são dados os "passes". Estes são como consultas, onde a pessoa conversa e recebe conselhos de médiuns incorporados. Na terça escolhida, a sessão era com Pretos Velhos, espíritos de negros escravos. O União da Luz também faz sessões com Exús (Guardiões), Caboclos (índios), Ciganos, em diferentes terças de cada mês.

Na chegada fiquei assustado. A movimentação de pessoas em frente ao templo era caótica. Consegui apenas pegar a ficha de número 101. No fim foi até sorte: do lado de fora conheci a médium S., a quem enderecei boa parte das minhas dúvidas a respeito da religião. A primeira delas: como é tomar o passe?

S. me explica que a cada terça-feira uma forma diferente de entidade é chamada para a sessão no templo. Elas são atraídas pelas músicas cantadas e de acordo com as oferendas disponibilizadas. Cada médium incorpora um guia para



que a sessão seja aberta ao público e os passes comecem a ser dados.

Sigo em um bombardeio de questionamentos para a médium. Agora, sobre o processo da incorporação. "A sensação é estranha. Quando eu recebo, sinto como se meu corpo tivesse estufado, apertado. Afinal são dois espíritos ocupando o mesmo corpo", explica ela. Em seguida pergunto sobre os comandos, sobre quem domina o corpo. Ela responde: "ah, quem domina é o guia, né. A gente chega a se movimentar, encurvar, tudo de acordo como o guia anda, muda até a voz e a forma de falar. Hoje tu vais ver, os Pretos Velhos tem uma fala de gente bem simples. Como alguém que não possui muito estudo", finaliza S.

De fato, eu já conhecia essa informação. Médiuns, quando incorporados, fazem movimentos, falam palavrões, fumam charutos e bebem grandes quantidades de bebida alcoólica, sem demonstrar nenhum sinal de embriaguez após o transe.

O movimento no local não para. As fichas acabam em 120 e já recomeça uma nova entrega com aquelas que vão sendo devolvidas. Fico aguardando e prestando atenção na música típica africana, no cheiro fortíssimo, que parecia ser arruda, e na cara dos meus colegas de fila. Alguns tristes, outros mais de bem com a vida. Homens e mulheres, jovens e idosos, pretos e brancos, a fila é totalmente heterogênea. Também reparo na decoração, que concentra uma grande mistura de representações.

A escravidão no Brasil trouxe negros de todas as partes da África, que compartilhavam senzalas por todo o nosso país. Essa mistura apenas entre africanos já serviria de combustível para uma grande miscigenação cultural. Mas tal fato acabou sendo somado à proibição de cultos africanos, obrigando os escravos, na maioria das vezes, a aceitar o catolicismo.

Dessa maneira, os negros passaram a cultuar santos católicos sincretizando-os com as entidades africanas por semelhanças de características e funções. Cultuavam, assim, os santos católicos, tendo por trás sua crença verdadeira, nos orixás. Iemanjá com Nossa Senhora de Navegantes e Ogum com São Jorge são exemplos da sincretização.

Enfim, sou chamado.

Primeiramente, fico com mais três pessoas na ante-sala de onde consigo ver os atendimentos sendo feitos na sala principal. Lá dentro são duas fileiras com cinco médiuns sentados em banquinhos nos dois lados da sala retangular, criando um corredor que termina com a porta por onde saem as pessoas após o passe.

Essa disposição no local é específica para sessões de Pretos Velhos. Segundo Jorge Verardi, Presidente da Afrobras (Federação das Religiões Afro-Brasileiras), "cada sessão é diferente da outra. Numa sessão de Caboclos, por exemplo, tem canto, tem dança, é bem diferente", explica.

### O Passe

Um dos médiuns incorporados fica livre para receber outra pessoa e o rapaz que faz o controle me chama para entrar. Sou direcionado até uma mulher, que me cumprimenta e me pede para sentar no banquinho à sua frente. Ela pega

minhas mãos, enrola uma espécie de colar nos meus punhos e diz:

- Estou te prendendo na senzala, para que você deixe lá tudo de ruim que você pensa, que você sente. Deixe lá tudo de ruim.

A partir disso, ela começa a passar suas mãos próximas de mim, fazendo o contorno do meu corpo. Estala os dedos. Na sequência, pega alguns ramos de ervas e dá algumas batinhas nos meus dois tornozelos com eles e pergunta:

- Tudo bem contigo, moço?

- Tudo.

- E o que você procura?

- Na verdade, estou aqui para conhecer, é a primeira vez que venho.

- Hum, seja bem-vindo. E o que você faz, moço?

- Estudo e trabalho.

- Gosta de viajar?

- Gosto.

- Que bom. Você deve viajar bastante nesse seu trabalho com papéis.

Não sei se alguma referência ao jornalismo fazia parte dessa frase dela, mas associei. Fiquei um pouco surpreso. Depois, fiquei ainda mais.

- Ah, que legal. Gostei de saber.

- É. Eu te desejo uma boa sorte nessa nova etapa. Viaje.

- Agradeço. Muito obrigado.

Recebo um abraço e então nos despedimos.

A parte da nova etapa também ficou martelando na minha cabeça. Eu havia trocado de emprego há



duas semanas. Realmente era uma nova etapa da minha vida, mas a frase também podia ser em referência a minha primeira vez na Umbanda. Enfim, a dúvida segue.

A médium que me atendeu, incorporada por um Preto Velho, realmente tinha os trejeitos, a voz e a maneira de falar bem diferentes. Falava um dialeto simplificando sílabas, como na palavra "procura", a pronúncia era "pocua", por exemplo.

O Templo de Umbanda União da Luz trabalha apenas com a, comumente chamada, Umbanda branca, voltada para o bem. Mas segundo Verardi, essa divisão não existe. "A Umbanda é voltada à ajuda espiritual do bem, portanto os termos "Umbanda branca" e "Umbanda negra" não fazem sentido. O culto que trabalha com espíritos das ruas, nos matos ou encruzilhadas, é a Quimbanda. Nela podem ser feitos trabalhos tanto para o bem como também para o mal. Mas a religião em si não prega isso. Quem faz o desejo do bem ou do mal é a pessoa que vai até lá e faz com

***Uma das principais diferenças entre a Umbanda e o Candomblé é a língua. O Candomblé, por ser originário da África, mantém até hoje a língua Iorubá em suas rezas. Na Umbanda, o português é utilizado.***

que a entidade trabalhe com esse propósito", explica.

O União da Luz também não sacrifica animais em seus rituais. Porém essa prática é muito comum na religião e nas demais outras de origem africana, demonstrando mais uma vez as diversas linhas existentes dentro da própria Umbanda.

Com a curiosidade momentaneamente sanada, encerro minha rápida jornada pelo universo da Umbanda. Uma experiência curta, mas muito interessante. Pelo contato com diversas pessoas, pelo conhecimento acerca do tema, pelas situações que fugiam da minha rotina, mas principalmente pelo romper de paradigmas e preconceitos em relação à Umbanda. Como dito pelo sacerdote Ricardo Korol, do Templo União da Luz, "as portas estão sempre abertas a quem desejar conhecer, pois ainda persiste uma ideia muito errada e preconceituosa sobre a nossa religião".

***Axé a todos.***



*Axé e Saravá são expressões usadas para desejar força, boas energias e boa sorte à outra pessoa.*

# ATA BA QU E

# REI

*A palma da tua mão  
é branca, meu irmão  
O canto do sopapo  
é negro, negão  
A palma da tua mão é  
branca, meu irmão  
O canto do sopapo é  
negro, negão*

(Giba Giba)

por Ana Carolina Giollo

○ sopapo é um instrumento africano trazido pelos escravos na metade do século 19 e é uma matriz cultural do samba e da cultura negra no Rio Grande do Sul. É um tambor de 1 metro de altura por 60 cm de diâmetro, tocado com as mãos. Seu som vibrante, intenso e grave ilustra uma cultura afro que sempre ficou em segundo plano em comparação à colonização europeia no estado.

Antes de virem para o Brasil, os escravos africanos construíam o instrumento com o tronco das árvores. Raspavam até deixar o tronco cônico, matavam um animal, preferencialmente cavalos, e utilizavam o couro ainda molhado para amarrar e construir o sopapo. A mudança de temperatura influenciava na afinação, então os negros acendiam uma fogueira e se reuniam ao redor dela para tocá-lo e "bater para os Orixás".

Como todo o instrumento musical, sua técnica de produção foi se desenvolvendo e se modificando. O utilizado hoje, no Brasil, é menor e feito com um material diferente, tanto a madeira como os pinos de afinação. Na década de 1940, o tambor de sopapo foi inserido no carnaval de Rio Grande e Pelotas. Em 1960, o Sopapo foi introduzido na capital por meio da fundação da Escola de Samba Praiana.

Até cerca de 1970, não existia o instrumento surdo nas baterias gaúchas, somente o sopapô. Com a "carioquização" do carnaval gaúcho, porém, o Sopapo é substituído pelos surdos e desaparece das avenidas de Porto Alegre. Hoje, o carnaval, em uma tentativa de copiar Rio de Janeiro, não consegue nem imitar nem recuperar

as raízes de quando surgiu.

Cada região tem seu próprio ritmo, sua cultura, seu batuque. Nenhuma é capaz de imitar a outra. Essa fixação por deixar o carnaval mais parecido com o do Rio de Janeiro resultou na perda da característica dos carnavais do estado, tornando-os uma tentativa insossa de cópia dos cariocas. O abandono do sopapo é um exemplo.

O carnaval de Pelotas era desenvolvido só com instrumentos. Sem grandes efeitos de som, carros alegóricos ou samba-enredo.

Todo som era feito com os instrumentos. Houve, no entanto, uma profissionalização do carnaval, surgiram as escolas de samba e tudo ficou mais caro.

O Sopapo possui uma conotação espiritual muito forte, é considerado o "Atabaque Rei". O Atabaque é um instrumento musical lendário que chegou ao Brasil através dos escravos africanos e é utilizado em práticas religiosas, dando ritmo aos cultos. Exerce uma forte ligação entre os homens e seus orixás, Deuses africanos que correspondem a pontos de força da natureza. Por ser o "Atabaque Rei", o sopapo pertence ao Orixá Xangô, então é necessário "pedir permissão" para manuseá-lo. Dizem que, quando manuseado corretamente, traz sorte e dinheiro a quem o toca.

As terreiras, no entanto, não utilizam o instrumento em seus cultos, e sim tamanhos menores de Atabaque. Acredita-se que, quando utilizado, o som o sopapo é tão envolvente que as entidades descem e se recusam a subir. Querem ficar, ouvindo seu ritmo e sua batida♦



# O MAIS BONITO É A NOSSA COR

por Laura Xavier

*Quando o assunto é beleza, não faltam fontes de pesquisa. Revistas, blogs, programas de tv. O modelo preconizado, porém, é evidente. As mulheres têm que ser altas, magras, com o cabelo liso, olhos e pele claros. Na contramão do tradicional, as mulheres negras vêm conquistando mais espaço nas telenovelas e editoriais de moda, mas a regra ainda é o do photoshop, da "perfeição". Para refletir sobre o tema, conversei com mulheres negras que convivem profissionalmente com a angústia feminina de estar sempre dentro dos padrões.*



Yamini Benites

**N**elita Santana, Chris Oliveira e Elisa Mateus não se conhecem, mas partilham mais do que a cor da pele. São donas de negócios próprios, - salões de beleza - e têm a visão de que os fatores externos influenciam as decisões das mulheres, desde cedo. Já na infância, as meninas comentam com as amigas sobre roupas, cabelo e maquiagem, e o ambiente ao redor exerce suas pressões.

Moradora da Zona Sul de Porto Alegre, Nelita Santana, 52 anos, abriu em 1985 o Nelita Cabeleireiros. A decisão de montar um salão afro veio da carência de cabeleireiras especializadas na área. Não havia cursos destinados ao cabelo afro, e seu aprendizado foi a partir de quem tinha construído sua experiência em fundo de quintal.

Na época, a inexistência de salões afro atraiu a clientela, mas por outro lado, a falta de produtos específicos dificultava o trabalho. "No princípio fazia muitas tranças nas clientes, por falta de produtos eficientes. Atualmente, a maioria das clientes prefere alisar, pelas condições climáticas do Rio Grande do Sul e pela praticidade. Mas confesso que muitas gostariam de manter os cachos". É claro para Nelita, mãe de duas filhas, que há uma pressão sobre as jovens negras para mudar sua aparência. "Elas são discriminadas e criticadas por terem cabelo afro. E isso afeta sua autoestima, influenciando nas relações pessoais".

Em São Paulo, Chris Oliveira, 37 anos, é fundadora

e diretora executiva da Cia. das Tranças. Por mudar constantemente o estilo de seu cabelo, começou a ser requisitada pelas amigas para reproduzir seus penteados. Então vieram os convites para produção de modelos em eventos; participou da semana de moda de São Paulo, a SPFW, mas em 2003, decidiu abrir seu negócio, voltado principalmente às mulheres negras.

A ditadura dos cabelos lisos, defendida pela mídia, também afetava às meninas na capital paulista, mas para Chris a realidade vem mudando aos poucos e o que importa é que elas se sintam integradas à sociedade. "Acho que muda a visão e a autoestima, ser lisa, loira, de tranças ou cachos. Mas já não faz tanta diferença quando nos sentimos parte ou incluídas na sociedade".

Vinda de longe, Elisa Mateus, 24 anos, abriu em Porto Alegre o salão TransÁfrica, especializado em cabelo afro. Elisa e suas funcionárias - incluindo suas primas - fazem tranças, aplicação de black, enlaces e outros serviços. Nascida na cidade de Ndalatanda, ao chegar com a família em 2002 no Brasil, onde seu pai estudava Geologia, Elisa percebeu a diferença do padrão de beleza de seu país para o brasileiro. Sob influência do nosso padrão midiático há 11 anos, entende que não há muita amplitude nos modelos retratados. "Muitas vezes o negro aparece no papel de marginal. Hoje já está ganhando mais espaço na televisão e nas revistas, mas a variedade de estilos de cabelo ainda é pouca". Para mudar o penteado, as clientes buscam fotos prin-

principalmente na Internet ou nas revistas que a mãe de Elisa traz de Angola.

Nelita, Chris e Elisa confirmam que o que é mostrado na mídia traz novas ideias para as mulheres, mas discordam sobre a maneira como a mulher negra é retratada. Segundo Chris Oliveira, a mulher negra vem ganhando mais espaço na mídia: "Hoje é mais comum ver negras em comerciais, em especial com o cabelo natural, não tão alisado". O exemplo dado é o da atriz Taís Araújo, que em 2009 interpretou a protagonista da novela das 21h na Rede Globo, *Viver a Vida*.

As moradoras de Porto Alegre, no entanto, apresentam outra visão sobre o assunto. Para Nelita Santana, as mulheres negras são representadas de uma mesma maneira, genérica, nas telenovelas. "As poucas negras que aparecem apresentam o mesmo estilo de cabelo, como se ainda estivessemos na época da escravidão, em contraste com a diversidade de estilos de cabelos das atrizes brancas".

Além dos veículos midiáticos, e mais tradicionalmente, os concursos de Miss têm importante papel no reconhecimento da beleza feminina. Recentemente, a beleza negra também é festejada. A capital gaúcha escolheu, no início de outubro, sua Miss Porto Alegre 2014. Entre as dez candidatas, a vencedora foi Suélen Camargo, 21 anos, estudante de nutrição. Suélen é alta, magra e tem as medidas necessárias para participar de concursos de Miss, mas sua beleza negra destacou-se entre as meninas. Outra representante da

raça negra, Samen dos Santos, é participante ativa de concursos de beleza e recebeu o título de Miss Porto Alegre 2013. Na verdade, as duas candidatas têm se revezado no uso da coroa por quatro anos seguidos, mostrando que a beleza negra tem tanta força quanto a branca. Ou até mais.

Perguntei para a angolana Elisa Mateus o que ela destacaria na beleza da mulher negra. Depois de olhar as clientes, brancas e negras, em seu salão, me respondeu: "A nossa cor. É o que temos de mais bonito" ♦



### Nelita Cabeleireiros

Avenida da Cavalhada, 3421/203  
(051) 32495363



### Salão TransÁfrica

Avenida Bento Gonçalves, 1751  
(051) 33520641



### Cia. das Tranças

[www.ciadastrancas.com.br](http://www.ciadastrancas.com.br)



Yamini Benites



# ASSOCIAÇÃO

Um grupo de mulheres negras de Porto Alegre que luta pelo seu direito a uma saúde pública voltada para suas necessidades

por Luiza Cuthi Mattia



*Simone Vieira da Cruz, coordenadora da ACMUN*

Luiza Mattia

**S**imone Vieira da Cruz é uma multiplicadora: de ações, de histórias, de sorrisos. Coordenadora da ACMUN – Associação Cultural de Mulheres Negras, Simone faz parte do grupo que luta pela saúde das mulheres negras em Porto Alegre. A associação surgiu na Vila Maria da Conceição, onde as agentes pastorais negras, que se encontravam para rezar o terço, resolveram transformar sua condição de exclusão social em ações de cidadania e solidariedade. Com a liderança da dona Nelma Oliveira Soares, o grupo de mulheres negras deu origem, há 19 anos, à ACMUN.

Primeiramente com uma sede no bairro Cidade Baixa, logo após sua fundação, o grupo de 10 mulheres mantém agora um espaço no Centro Histórico da Capital. E conta também com mais 15 mulheres negras que atuam em Passo Fundo. Simone ingressou no projeto em 2004, motivada por uma ação de pesquisa que a associação estava desenvolvendo. Desde lá, nunca mais deixou a ACMUN.

Simone conta que a associação tem um papel importante na prevenção de DSTs e HIV/AIDS através dos projetos que trabalham. As Agentes Multiplicadoras em Saúde é uma ação que capacita mulheres negras para oferecerem informações e orientações sobre saúde dentro da sua própria comunidade. O fato delas já fazerem parte do local ajuda na efetividade do projeto. “A pessoa se identifica com ela, é mais fácil criar um vínculo”, fala Simone.

O curso Identidade Negra é outro projeto realizado pela associação. O objetivo era formar professores da rede pública sobre a lei 10.639 – que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

A coordenadora da ACMUN, que também é psicóloga e mestre em saúde coletiva, participou da organização do livro “Mulheres negras em primeira pessoa”. A obra reúne as histórias destas mulheres, de várias regiões do país, indicadas por representantes das 28 entidades que compõem a AMNB – Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras.

A busca por um espaço em âmbito nacional para troca de experiências sobre prevenção de DSTs e HIV/AIDS levou à

criação da Rede Nacional Lai Lai Apejo (a sigla significa “encontro para sempre”, em Iorubá, língua de origem afro), da qual a ACMUN não só faz parte, como também coordena. A primeira reunião de organizações foi em 2002, com a participação de mulheres negras de várias partes do mundo; este ano, em dezembro, acontece a sexta edição do encontro, em Porto Alegre.

“O racismo é estruturante da sociedade”, aponta Simone. Muitas vezes por falta de informação, não se é dada a devida importância a questões que afetam diretamente a saúde da mulher negra, da população negra. “Não são ‘doenças dos negros’, são doenças que têm maior incidência na população negra, e temos que pensar em políticas públicas que dêem conta disso”, completa ela.

O primeiro passo é a visibilidade. A coordenadora da ACMUN fala que Porto Alegre é um dos municípios que mais tem implementado a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra – que prevê ampliar o acesso a ações e serviços de saúde, além de aprimorar a coleta do quesito raça/cor nos sistemas de informação do SUS. Apesar disso, ainda é preciso que a população, negra e não-negra, se aproprie do assunto.

“Implementar uma política pública não é fazer seminário. A política só vai ser efetivada quando os dados diminuírem, quando o boletim epidemiológico sair e a incidência de AIDS ou outra doença tiver diminuído na população negra”, alerta Simone. Por isso o trabalho da ACMUN em pensar ações que busquem o empoderamento das mulheres negras e que tenham impacto no seu dia-a-dia.

A Associação Cultural de Mulheres Negras também tem uma luta política – faz parte do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, e defende a igualdade racial. Simone acredita que a visibilidade adquirida pelo movimento negro nos últimos dez anos trouxe benefícios, e um dos maiores foi o começo da aceitação da população branca. “Havia o mito da democracia racial. Hoje, quando se pensa na implementação de políticas públicas para negros, está se assumindo que existe um racismo, e isso já é um avanço”, finaliza ela. ♦

**“Hoje, quando se pensa na implementação de políticas públicas para negros, está se assumindo que existe um racismo, e isso já é um avanço”**

---

**ACMUN – Associação Cultural de Mulheres Negras**

Rua Vigário José Inácio, 371, sala 1919, Centro Histórico – (51) 3062-7009  
www.acmun.org.br

# COTAS

Matheus Gomes,  
22 anos,  
estudante de História na UFRGS.



## O negro nas escolas

**Matheus Gomes:** Eu estudei no Tubino Sampaio, ali no Petrópolis. É uma escola pública, mas não é uma escola de periferia, é uma das melhores pública aqui de Porto Alegre. Tem muitos estudantes ali da região, que acabam sendo de uma classe mais média, então tinham pouco alunos negros. Deviam ser uns 15%, 20% dos alunos do colégio.

**Marcelo Torres:** No ensino fundamental eu estudei em escola particular, evangélica, e havia uma quantidade ínfima de pessoas de etnia negra. De uma turma de 36, 37 alunos talvez eu e mais dois fossemos negros, no máximo. Do quinto ano ao terceiro do segundo grau, aí sim eu fui para uma escola pública e tive mais colegas negros, não predominantemente, mas um número maior comparado à outra escola onde as pessoas tinham uma condição financeira mais favorável.

## O surgimento das cotas

**M.G.:** No começo eu tinha algumas dúvidas. Eu estava no colégio e assistia alguns debates. Sempre surge aquele argumento né, de que elas criam um certo tipo de preconceito. Na realidade eu sou a favor das cotas porque não é possível, usando termos bem explicativos, tratar de maneira igual pessoas que são completamente desiguais. O que me faz ser a favor das cotas é o processo histórico que a população negra brasileira foi submetida desde a época da escravidão. Houve sequestro de milhões de pessoas da África, trazidas ao Brasil, que foram fundamentais na consolidação do país, primeiramente no período da escravidão e mesmo depois, no regime capitalista. Logo que acaba a escravidão essas pessoas são simplesmente jogadas por aí, sem assistência, sem nada. A senzala acabou sendo substituída pela favela. O regime

# EM DEBATE

Marcelo Torres,  
26 anos,  
estudante de Direito na UniRitter.

por Gabrielle de Paula  
Luis Felipe Abreu  
Yamini Benites

escravista foi substituído por um regime completamente desregrado em relação ao patrão e ao trabalhador, onde a população negra até hoje está no pior, nos piores empregos, com os piores salários. Os negros estão em uma situação completamente desfavorável na sociedade; do ponto de vista de disputar o emprego a educação a moradia a sociedade.

**M.T.:** Desde o princípio eu sempre fui muito contra. Eu me considero, particularmente, um amante do princípio da igualdade. Eu entendo que o instituto das cotas nada mais é que uma ferramenta de racismo, apesar de ela se intitular como uma política de inclusão. Aos meus olhos, ao mesmo tempo que ela inclui as pessoas de cor negra, ela exclui as pessoas de outras etnias. Num juízo de ponderação entre o que deve prosperar, se é essa pseudo inclusão ou se uma exclusão total do racismo, que é algo latente na sociedade, eu acho que deve prosperar a exclusão do racismo porque no momento que tu institui uma política que acabará por segregar as demais etnias, tu planta uma semente de discórdia, basicamente. Por óbvio, as outras etnias se sentirão desvalorizadas, menosprezadas e injustiçadas. É claro que é uma discussão muito ampla, mas em síntese seria isso. Como negro eu nunca me senti desvalorizado, nem diminuído em relação às outras etnias, sempre me senti igual aos demais, sobretudo, na parte intelectual. Não acho que eu precise de uma espécie de migalha pra ascender a uma classe social melhor.

Se tu pegar o IDH do Brasil o da população branca é diametralmente oposta ao da população. Há dois Brasis: o Brasil da população branca e o Brasil da população negra. Então se tu não cria uma política afirmativa, no âmbito da educação, por exemplo, os negros não conseguem se desenvolver, se manter. Isso tá dentro de uma questão maior,



que é a necessidade de ter políticas reparatórias. Todo esse processo que eu relatei, da escravidão, da marginalização negra, foi feito pelo Estado de maneira consciente, então agora precisamos exigir do Estado atitudes que reparem isto.

### **Cotas geram um preconceito?**

**M.G.:** O objetivo das ações afirmativas é explicitar o preconceito mesmo. Ele não agrava o preconceito: ele explicita, porque até então, na universidade, o negro era invisibilizado, e as ações afirmativas surgem pra visibilizar essa situação racial. Na UFRGS, até 2007, menos de 3% dos alunos eram negros, e isso vem mudando. No Brasil tem esse problema, o mito da democracia racial. Isso foi uma ideia construído ao fim da escravidão. Estudiosos como Gilberto Freyre, entre outros, criaram uma série de teorias para mostrar que no Brasil a escravidão foi mais branda, através do processo de miscigenação.

Isso se consolidou hoje. Quem vem de fora acha que aqui é o paraíso para os negros, com samba e carnaval - e não, aqui há muito racismo. As ações afirmativas surgem para explicitar esse racismo velado. Então esse argumento do "racismo inverso" vem de quem não enxerga o racismo velado ou de quem quer que a situação continue como está, conscientemente. Tem vários setores que ainda questionam as cotas. Tem, por exemplo, uma ação de inconstitucionalidade movida pelo DEM, tem os setores de agronegócio são contra demarcações de territórios indígenas e quilombolas. É dentro desse jogo de interesses que as pessoas se valem deste argumento, pois querem que o racismo persista dentro da sociedade.

**M.T.:** Eu acho que é um auto preconceito, a própria ideia de que o negro vem pleitear uma política de favorecimento, eu acho que já é um auto preconceito. Talvez pra que a gente possa equiparar a figura do negro, que via de regra possui uma situação econômica desfavorecida. Eu acho que uma política de cotas econômica seria melhor, porque aí englobaria todas as etnias que possuem uma condição econômica desfavorável.

### **Cotas sociais**

#### **x cotas raciais**

**M.G.:** Há dois problemas. Há o problema que é de classe, e de fato a população pobre, trabalhadora, é excluída da universidade. Mas dentro dessa classe trabalhadora há uma divisão. A classe negra, cuja esmagadora maioria é da classe pobre, sofre ainda mais por ser negra. Há uma série de preconceitos que o trabalhador branco não sofre, mas que o negro sofre. E esse processo histórico, se não há uma medida como a das cotas sociais, este problema segue escondido. As cotas sociais cumprem este papel de realizar esta ação reparatória diretamente com a população negra. São duas situações, dois problemas distintos. As cotas sociais tem de existir, mas não podem esconder

**As ações afirmativas surgem para explicitar esse racismo velado. Então esse argumento do "racismo inverso" vem de quem não enxerga o racismo velado ou de quem quer que a situação continue como está, conscientemente.**

a outra questão. Tem de aparecer a questão do negro, que é uma especificidade muito complexa.

**M.T.:** As cotas sociais não colocam necessariamente só brancos na universidade, como se argumenta. Os brancos economicamente desfavorecidos também não têm acesso à uma educação privilegiada que possa propiciar um acesso às instituições públicas. E não acredito nisso de política de reparação aos negros. É muito pesada, tem uma carga e um impacto social muito forte. Acho que, uma nova geração toda de etnias que não da raça negra, não pode ser desprivilegiada por questões, por preconceitos, por atos que gerações anteriores realizaram. Entre um discurso que se pauta em uma dívida histórica e uma ideia de exclusão total do racismo, acho que deve prevalecer a extinção do racismo e não uma política que pode gerar um impacto muito grande nas demais classes sociais.

#### **Presença do negro na universidade**

**M.G.:** O sistema de cotas é limitado, mas nem por isso ele deixa de ser positivo. A transformação é que há muito mais estudantes negros aqui, o percentual aumenta cada ano. Isso possibilita que a gente organize os estudantes negros aqui, algo que não havia anteriormente. Hoje temos muito mais gente participando do movimento estudantil, temos coletivos de negros se organizando dentro da universidade, temos vitórias como a criação de uma coordenadoria para atender especificamente estudante negros, além de cursos, debates, etc. Essas ações afirmativas mudaram a cara da universidade. Cresceu também no último período as denúncias de racismo, o trabalho de combate a casos de preconceito. As contradições existentes na sociedade e refletidas na universidade estão sendo explicitadas. E pra continuar mudando essa situação é preciso combater o racismo em todas as áreas, no currículo, no dia-a-dia, na consciência das pessoas, etc. As cotas raciais são positivas, e por isso mesmo precisam ser aprofundadas.

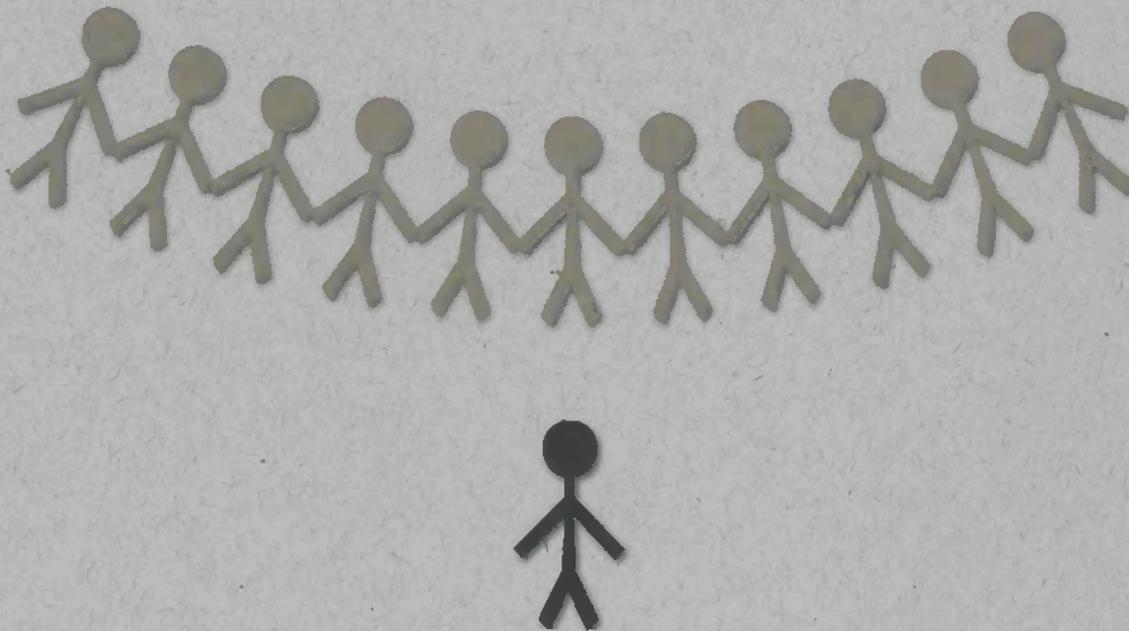
**M.T.:** Como efeito imediato da política de cotas se pode perceber uma majoração da presença de negros em instituições. Obviamente, os negros estão conseguindo buscar espaços acadêmicos, mas essa é uma questão que deveria ficar em segundo plano. Acho que primeiramente, a gente tem que superar essa questão do racismo do que simplesmente trazer um efeito imediato. O negro deveria ser agregado e não segregado, porque é assim que eu vejo essa política. E, pessoalmente, eu me vejo como alguém que está ali para terminar sua graduação, buscar um espaço melhor no mercado de trabalho, e não preocupado em trazer questões da cultura negra para a academia. Acho que a imposição da cultura da sua etnia é algo complicado, como se a cultura do negro fosse algo superior♦

Acho que primeiramente, a gente tem que superar essa questão do racismo do que simplesmente trazer um efeito imediato. O negro deveria ser agregado e não segregado, porque é assim que eu vejo essa política.

# EMPREGO

## OBSTÁCULOS DA COR

por Guilherme Augusto



**M**etade de seus quase quarenta anos de vida giraram ao redor de empregos: treze deles trabalhando e mais sete a procura de oportunidades – ao menos é o que calcula de cabeça dona Evelina Oliveira, 39 anos, diarista. “Deus me fez mulher e negra. Quando ele me fez viúva eu tive que ir a procura de emprego. Teria sido mais fácil conseguir outro marido do que arrumar um trabalho, mas eu não sabia disso na época”. O desabafo é construído sobre uma barreira invisível, ou melhor, visível na sua pele: o obstáculo da cor.

Essa não é uma história exclusiva e sim uma realidade comum a muitos. Conforme estudos apresentados em 2013 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do total de pessoas desocupadas (sem trabalho e/ou em busca de alguma ocupação) 57,8% são mulheres e 30,5% nunca trabalharam; 59,9% são pretos ou pardos e 53,1% deles não completaram o Ensino Médio. Dona Evelina se encaixa em três dessas sub-categorias: mulher, negra e com a escolaridade incompleta. Casada aos 16 e viúva aos 20, com três crianças para cuidar, ela não chegou a terminar o Ensino Médio até o ano passado, quando concluiu tudo pelo ENEM. “Estudei nos domingos e consegui emprego no mês seguinte ao atestado de conclusão chegar nas minhas mãos, novo e fresco ainda”.

Essa velocidade de funcionamento do mercado de trabalho cada vez mais exclui uma parcela da sociedade que viveu outra realidade e não acompanhou o ritmo. Além do preconceito, outros índices que influenciam na disputa por empregos são preocupantes entre a população negra.

O analfabetismo por exemplo. Em um estudo feito pelo Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laeser), a taxa de analfabetismo entre os negros é mais de 100% maior do que aquela presente na população branca. As consequências vão para além dos números: constituem uma história de vida comum hoje. "Quem me dera saber que ler seria importante. Eu parei no tempo e isso me prejudicou cada vez mais, enquanto o tempo passava" desabafa João Gentil Ribeiro, 49 anos, auxiliar de pedreiro, em constante busca de trabalho. "Emprego mesmo, de carteira assinada? Muito difícil. Ainda mais pra quem assina com o dedo que nem eu. Sei escrever meu nome, mas não sei ler ele nem nada diferente".

Os índices são alarmantes na educação - requisito mínimo a um currículo competitivo. De acordo com o mesmo estudo do IBGE citado anteriormente, na população de 10 anos ou mais, os negros possuem, em média, 5,9 anos de estudo, enquanto os não negros, chegam a 7,7. Dos jovens negros de 18 a 21 anos que estudam e trabalham, 17,4% cursam o ensino superior enquanto que nos não negros da mesma faixa

etária a proporção é de 50%.

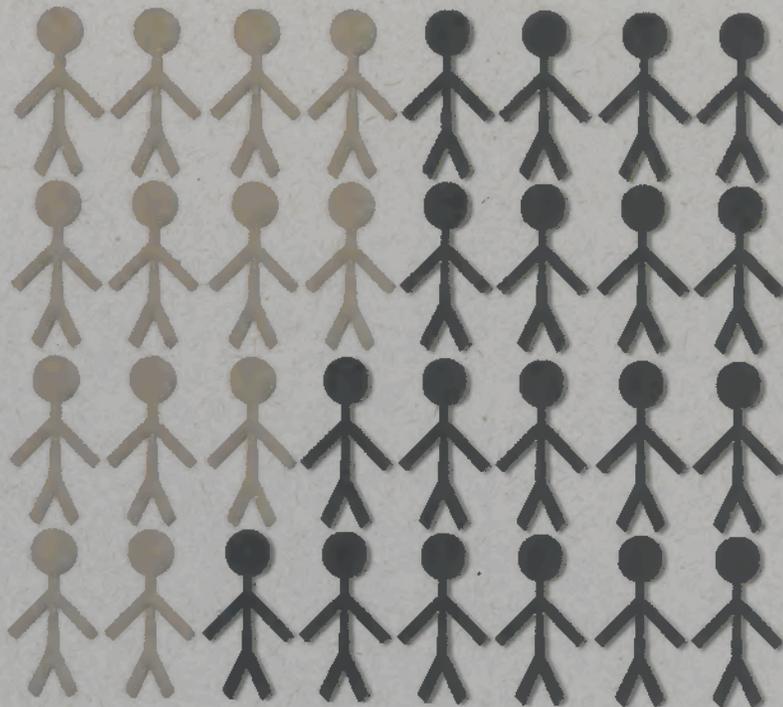
O próprio mercado de trabalho, não é igualitário - e não apenas devido às carências educacionais. Um estudo realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) mostrou que um trabalhador negro recebe um salário 36,1% menor que o de um não negro, independentemente da região onde mora ou de sua escolaridade. Essa diferença salarial e de oportunidades de trabalho são ainda maiores nos cargos de chefia, de acordo com o relatório publicado neste ano.

De maior ou menor grau, com características mais ou menos visíveis, a verdade é que o preconceito "anda por aí" há algum tempo, sob as mais variadas formas e nos mais diversificados ambientes, e os jovens já o identificam no seu dia a dia. Julia Marquês, estudante do curso de técnico de enfermagem, conta que já planeja sua vida

levando isso em consideração. "Nós mulheres estamos mais sujeitas ao desemprego do que os homens, além de sermos menos remuneradas mesmo quando temos a mesma função que eles. Não posso esperar que o preconceito abrande, então quando escolhi me especializar em enfermagem, levei isso em conta".

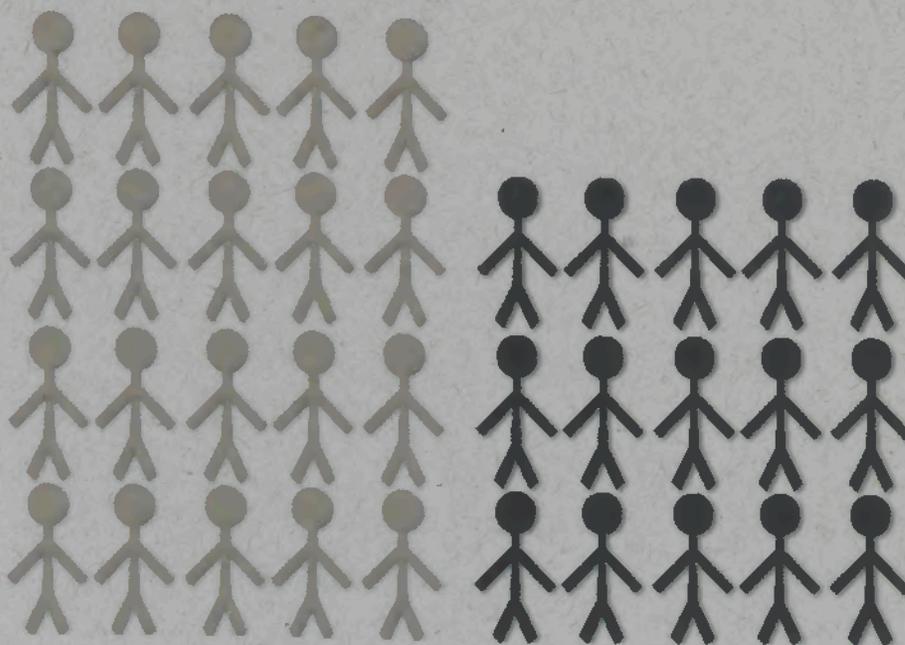
A carreira a ser escolhida é uma das mais importantes decisões na vida. O preconceito presente em entrevistas ou refletido nas remunerações se não combatido, retardará muito a chegada de um futuro no qual esses fatores não sejam

mais levados em conta. Os desafios no caminho da igualdade ainda são grandes, como bem sabem Evelina, João e Julia ♦



**PESSOAS SEM OCUPAÇÃO**  
59,9% SÃO NEGROS  
OU PARDOS

FONTE: IBGE



**SALÁRIOS**  
NEGROS E PARDOS RECEBEM 36%  
MENOS DO QUE BRANCOS

FONTE: DIEESE

# NEGRAÇÃO

## A NEGRADA DA LIFRGS

por Nathalia Bittencurt

*"Se enxergar é difícil, e com cotas a gente tá conseguindo se enxergar um pouco mais"*

*"Dandara sempre fez um milhão de coisas enquanto mulher, mas dentro do quilombo já tinha a opressão de que ela era a mulher do Palmares. Ela era mulher de alguém"*

*"Ser negro... Tu não se vê como negro. Tu não se vê em novela, não se escuta em rádio. Tu não se vê podendo estar onde tu quer estar. A ideia do coletivo é lutar pra que o negro esteja ONDE ELE QUISER"*



**H**á um tempo acompanho uma galera que compõe um coletivo chamado NEGRAÇÃO. Os conheci quando não eram um coletivo, e sim ainda alguns estudantes negros que queriam a ampliação das cotas dentro da UFRGS. Faziam questão de falar em COTAS RACIAIS, para “a negrada entrar”.

O debate sobre as Ações Afirmativas na universidade federal fomentou novos passos. A iniciativa de fazer contraponto ao 20 de setembro – dia fatídico – levou alguns jovens a distribuir panfletos, com a errata clara, necessária ao preconceituoso hino gaúcho: povo que não tem virtude acaba por ESCRAVIZAR. Desde então os cerca de dez estudantes aceleraram seus debates e conversas pela internet, até que criou-se o coletivo de negros.

Davi dos Santos tem 24 anos e é estudante de História. Integrante do Negração desde seu início, conta que a ideia nunca foi juntar apenas os estudantes negros: “A ideia é não ficar restrito ao debate sobre cotas. A proposta é sempre agregar pessoas da UFRGS e fazer ações pra fora da universidade também. Nem sempre temos perna para fazer isso, mas é muito importante pra nós.” Davi conta que há integrantes que não são da universidade, e outros que já fizeram sua faculdade e permanecem no coletivo.

O Negração veio essencialmente para tocar no racismo. Em todos seus aspectos. “O racismo gera a invisibilidade do negro; faz com que o negro não permaneça na universidade”, conta Davi. A luta dos jovens também se articula com o movimento negro através da relação com os quilombolas e indígenas, com os grupos participando mutuamente de suas reuniões.

O coletivo, hoje com cerca de trinta pessoas que se comunicam no dia a dia através de uma lista de e-mails, realiza também Cursos de Formação Política na casa de um dos integrantes, em Viamão. Em agosto, no último curso, a história do movimento negro nacional

e internacional, a percepção de racismo e a diáspora africana foram estudadas por todos. Segundo Davi, “negro não faz racismo, nego reproduz racismo, assim como as mulheres reproduzem o machismo”.

Nas reuniões abertas, que ocorrem normalmente na Casa do Estudante do Campus Centro, são debatidos os resultados das atividades e também planejadas as próximas ações. Sobre a relação interna do grupo, Davi afirma que “todo mundo tem concepções diferentes, vem de mundos diferentes. Por mais que boa parte tenha vindo da periferia, essa é a graça do Negração”.

Perguntei a Davi por que ser do Negração. Ele respondeu: “É pela importância da identificação. Isso é nítido nos integrantes mais novos do coletivo, principalmente nas meninas. Elas vêm com aquela coisa de que tem cabelo ruim é ruim; com a ideia de que ‘negra é pra comer, branca é pra casar’. A identificação de si enquanto negro é muito importante. Tu pode ver pelas gurias do coletivo, boa parte cortou seu cabelo e tá deixando seu blackzinho bombar. Da minha parte, o porque de eu ser do Negração... Como qualquer neguinho influenciado pela mídia, antes de entrar na universidade eu era contra as cotas. Nós somos bombardeados todos os dias para achar que somos capazes, assim como o presidente operário conseguiu, ou a presidente mulher.”

Lisiane Rosa tem 23 anos e estuda Enfermagem na UFRGS. Ela também constrói o coletivo desde seu início – e quando perguntada de seus motivos, responde “Porque é uma referência pra mim. No Negração nós estamos no nosso meio. Uma pessoa branca nunca vai entender o racismo. Assim como um hetero nunca vai compreender o sentimento de quem é homossexual em relação à homofobia. Dentro do coletivo, nós mulheres, nos apoiamos umas nas outras e assim a gente cresce”.

O Negração grita, reivindica, fala: busca a emancipação e a liberdade. Salve a negrada!♦

Gabrielle de Paula



Os Sambaraus organizados pelo coletivo reúnem uma série de atividades, como debates e apresentação de danças e músicas de origem afro



Yamini Benites

# BATUCADA DE BAMBBA CADÊNCIA BONITA DO SAMBA

por Hudson Nogueira

**U**ma pequena peregrinação em alguns territórios do samba em Porto Alegre. Essa é a missão a cumprir para a pauta que eu escolhi para a 3x4 NEGA desse semestre, sem datas, sem frequência definida, tudo à deriva, como manda a boêmia do samba.

É um domingo de sol primaveril, daqueles que o sujeito tem que aproveitar e passar boa parte do dia na rua. Cenário perfeito para curtir o som dos bambas. Na medida em que o sol vai se pondo em meio aos casarões históricos da João Alfredo e a rapaziada vem chegando do Parque Farroupilha onde rolou a batucada frenética da Turucutá, o clima começa a ficar mais interessante, principalmente quando começam a entoar o sambão composto pelo Noel Rosa e o Abelardo da Silva, que ficou famoso na voz do saudoso Noite Ilustrada:

“O Neguinho gostou da filha da madame, que nós chamamos Sinhá. Senhorita também gostou do Neguinho, mas o Neguinho não tem dinheiro pra gastar. A madame tem preconceito de cor, não pode evitar esse amor. Senhorinha foi

morar lá na colina, com o Neguinho que é compositor...”

- Agora sim! Disse eu para as duas amigas que encontrei lá na frente do Bar 512, onde rolava a função.

- Espera aí, cadê os pretos? Saio da frente do bar, dou mais uma olhada em meio a mais de uma centena de gente que já tomava conta da rua, e o que menos vejo são negros no público presente.

- Pô! Só tem “branco” por aqui! Será que rola escrever sobre os territórios de samba em Porto Alegre? Sendo que o tema que foi escolhido para a 3x4 será NEGA. Quando me dei conta que estavam tocando um som do Cartola, lembrei do Fundo de Quintal:

“samba, eterno delírio do compositor, que nasce na alma sem pele e sem cor...”

Fiquei frio e deixei quieto. Passados uns dois finais de semana, articulei uma saída para conferir de perto uma das rodas de samba mais tradicionais da cidade, que rola aos sábados no Bar do Ricardo, lá no final da Rua Caldre Fião, na

Vila Maria da Conceição, zona leste da cidade. Ia levar uma amiga argentina que veio me visitar por aqui, acho que ela ia curtir a beça. Ia, pois choveu naquele sábado, choveu nos dois outros que o sucederam, o que inviabilizou a roda de samba. Um tempo depois, eu passei a crer que a chuva que persistia em cair e estragar os meus planos, além de atrasar o meu texto, não era simplesmente o resultado de um fenômeno meteorológico, era muita zica pra quem só queria curtir um samba.

No mesmo fim de semana, o do Dia das Crianças, já na derradeira noite de domingo passávamos eu e a hermanã rã José do Patrocínio, quando escuto o som de uma batucada, meio que no ritmo de escola de samba, vindo do Largo Zumbi dos Palmares.

- Vamos lá conferir!

Chegando lá, não só era um pequeno desfile de carnaval proporcionado pela comunidade do Areal da Baronesa de Gravataf (que há pouco tempo conquistou a titulação de território quilombola, após dez anos de luta, e foi reduto do samba, desde as décadas de 1920 e 1950), como estava repleto de pessoas da comunidade trajando vestimentas típicas africanas.

- Que maravilha! Pedi para minha amiga fazer umas fotos do movimento enquanto eu ia trocar uma ideia com alguém da liderança daquela linda muvuca, que alentava a noite de domingo. Pediram pra eu falar com o Mestre Ilton, me recebeu bem e já me deu o contato para saber das próximas atividades do grupo. Contato anotado, e a noite com alguns minutos de carnaval vai chegando ao fim.

- Melhor do que eu imaginava, tá salva minha pauta. E em meio a um sábado sem chuva e com sol em Porto dos Casais, surge uma nova oportunidade pra chegar a alguma roda de samba de bairro. Surgiu. Pois quando quase que de última, ganhei dois ingressos para o show de ninguém menos do que Elza Soares, não titubeie e posterguei o samba de rua, pela voz visceral da Dama do Samba.

O show começou as 20:30, a nega já tem mais de setenta anos e precisa de auxílio para caminhar, deve repousar cedo.



Elza Soares

Cantou sentada. Cantou não! Deu show! Quando cheguei com uma amiga ao Bar Opinião, atrasados uns tantos minutos, só dava pra escutar lá de fora aquela voz aguda esmerilhando o quase silêncio que jazia na rua: NEEEEEGAAAAA!!!! NEEEEEGA-AAA!!!! NEEEEEGAAAAA!!!!

Assim, com todas as exclamações e em caixa alta, como se a gramática fosse capaz de transcrever naquele momento o som emitido pela aquela septuagenária mulher. "A carne mais barata do mercado", era a música que abriu o espetáculo. Depois dessa apoteose inicial, ainda vieram os sambas de Ismael Silva; Noel Rosa; Cartola; Lupicínio Rodrigues; Jorge Ben; entre outros, que foram orquestrados por uma banda sublime, e interpretados pela voz inconfundível daquela senhora que em alguns momentos, esboçou se levantar da cadeira de onde emanava seu vozeirão, com uma vitalidade pouco crível, que contrastava com a sua condição física, mas que florescia na sua presença de palco. Uma voz. Um show. Elza Soares.

E desde a primeira saída com o intuito de escrever sobre esse tema, passaram-se vários finais de semana, na verdade uns dois meses, e todos com rodas de samba batucando em vários pontos da cidade. A maioria sem dúvidas rola na zona mais central, mas há lugares clássicos e com uma importân-

cia histórica, como é o caso do Afro-Sul Odomodê, um centro de cultura negra que foi criado em 1974, que valoriza sua cultura nativa e a livre expressão. Todo domingo rola samba por lá, com um clima de comunidade, e quem dá o ritmo é a rapaziada da Central do Samba.

No último final de semana da minha empreitada nos territórios do samba, rolou uma roda comandada pelo Instituto Brasilidades, no Boteco Matita Perê, também na João Alfredo, na Cidade Baixa. A cena era uma homenagem ao centenário de nascimento do Wilson Batista, aquele compositor que ficou datado por desafiar com certa frequência o Noel Rosa, e compôs o samba que a censura da ditadura do Estado Novo de Vargas podou "O bonde de São Januário" (O bonde de São



Januário leva mais um sócio otário, sou eu que vou trabalhar...).

Além disso, o Batista era o compositor favorito de ninguém menos do que Paulinho da Viola. Tem um monte de composição machista a beça, quem nem o Cartola, Herivelto Martins, Atilaf Alves e por ai vai. Era o contexto social da época, não da pra comparar com hoje, ainda bem.

“Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim. Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim. Meu mundo é hoje, não existe o amanhã pra mim. Assim morrerei um dia, não levarei arrependimento, nem o peso da hipocrisia.”

Com Meu mundo é hoje, a rapaziada do Brasilidades fecha os trabalhos e abre o convite para o próximo domingo, na mesma rua, agora no Bar 512, haverá mais samba, pode ter certeza. E pra fechar o último fim de semana antes de vencer o prazo final de entrega dos textos, tem batucada no Boteco do Paulista, ali na esquina da Riachuelo em frente a praça que o Alcaide da capital mandou contar as árvores na calada da noite.

Munidos de um cavaco, uma cuíca, três pandeiros, um surdo e dois repiniques, os músicos que tocavam dentro do bar, regiam o ritmo entre veteranos, jovens e até crianças, As energias eram boas naquele lugar, muito sorriso, muita

beleza e miscigenação. Curioso é que durante esse quase dois meses de incursão em alguns territórios, foi a roda de samba que presenciei que contava com um bom número de negros e mestiços, nas outras citadas anteriormente a maioria absoluta era de “brancos”.

Não há mais tempo para postergar a entrega desse texto. Nem foi possível acompanhar mais junções dos bambas. Muito menos deu para ir a outros territórios do samba na imensidão da cidade. Nas rodas de samba que fui, esperava ver mais representatividade da comunidade negra. É claro que durante a semana sempre tem alguma batucada em algum ponto, mas sem a aura do samba de raiz. Aliás, tem muito samba chapa branca comendo solto em “boteco” de butique pela cidade. Deixa quieto.

Mas o samba é assim, não tem pele, nem cor. E nas vilas, nos bares da zona central, nas quadras das escolas de samba ou em lugares públicos e privados, todos os finais de semana tem batucada de samba ecoando na cidade. Já que na terra do Lupicínio Rodrigues, o que não falta é samba, Dorival Caymmi aprovaria esses territórios de resistência que não deixam o samba morrer, nem acabar.

**“Quem não gosta de samba, bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou é doente do pé.”**◆



amini Benites

**Afro-Sul Odomodê:** Av. Ipiranga, 3850, Santa Cecília. Sempre aos domingos a partir das 18h.

**Bar do Ricardo BR Cultural:** Caldre Fiao, 358, Vila Maria da Conceição - Morro Santo Antônio. De quintas-feiras aos sábados a partir das 19h.

**Boteco do Paulista:** Riachuelo, 230 em frente à Praça do Gasômetro, Centro Histórico. Domingos a partir das 17h.

**Instituto Brasilidades:** Tocam mensalmente no Espaço Cultural 512, João Alfredo, 512, Cidade Baixa.

# PERFIL: JUÇARA MARÇAL

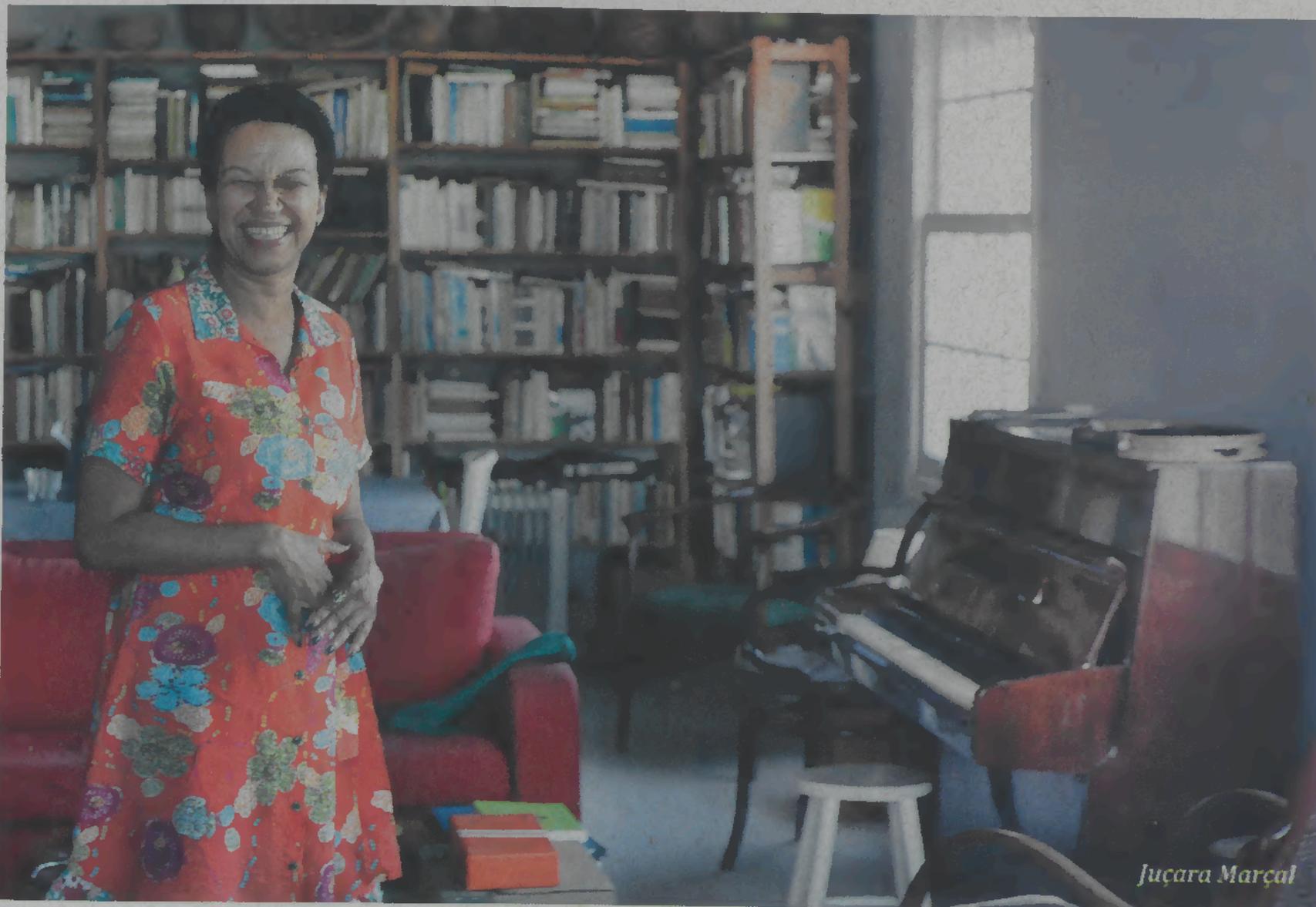
por Luciano Viegas

## LAVA, COMBUSTÃO

Quando o Metá Metá lançou em 2011 um primeiro disco homônimo de singular simplicidade, pela própria formação enxuta de trio, não se tratava exatamente de uma revelação ou surpresa para a cena musical paulistana, pelo contrário, era a chegada a um ápice de maturidade artística de pessoas plenamente ativas na última década e que, pela lei natural dos encontros, já vinham se envolvendo numa série de projetos muito próximos, o que foi culminar nessa reunião prolífica em que Kiko Dinucci, Juçara Marçal e Thiago França reinventam o lugar da canção na música brasileira, retomando referências do candomblé com uma dedicação aos mínimos detalhes tanto quanto Oxum ao se debruçar sobre a composição do marulhar das águas doces.

O imaginário da mitologia africana é atualizado e, já com um segundo disco lançado, Metal Metal, o som avança em direção a novas potências de celebração e transe que remetem à experiência do terreiro, mas, sobretudo, importa que o corpo esteja em sintonia com a pegada dos arranjos que é a própria assinatura de Kiko Dinucci e que a cabeça esteja suficientemente aberta para os passeios intergalácticos que o sax de Thiago França conduz, tal e qual um cicerone que carrega pela mão um visitante perdido por terras desvirginadas.

E, por fim, a voz acalentadora de Juçara Marçal que reata o cordão com a mãe terra, trova se preciso, narra fragmentos de uma humanidade que não se deixou dispersar daquele mesmo arrepio cervical que nossos ancestrais urravam de espanto e êxtase, a descoberta da força vital dos orixás que anima e harmoniza toda a matéria, por mais que São Paulo, por mais que a diáspora africana compulsória tenha arrancado prantos desesperados, sangue negro, substância primordial de resistência que somente na música se cristaliza e implode toda defesa que possa existir e por acaso queira nos afastar.



Gil Silva

Juçara Marçal

## RAINHA DAS CABEÇAS

Juçara Marçal passou a integrar o quinteto feminino Vesper Vocal, em 1992, cuja estética, mais livre e experimental impossível, sobrepõe voz em cima de voz, devastando os antigos cantos gregorianos com releituras dos mais delicados versos que compositores paulistanos da estirpe de Luiz Tatit, Adoniran Barbosa, Geraldo Filme e Mano Brown já produziram sobre o existir na selvagem e suave pluma megalópole.

Conversamos por cerca de meia hora sem essa de agendar com assessor de imprensa, não que eu já não tivesse vasculhado o bastante sobre sua história pessoal, mas porque seria infundado construir um perfil sem que nele ressoassem algumas palavras espontaneamente rebatidas no calor das perguntas, o atrito contra o mundo do fazer artístico que em Juçara Marçal capturamos na tranquilidade das gargalhadas e na seriedade com que dimensiona o lugar no mundo de sua própria música que opera no “esquema de guerrilha”, quando se refere a um show que o Metá Metá vai fazer em Fortaleza, organizado por fãs sem experiência no mercado de produção cultural, o que significa abrir mão de um cachê para que o som atinja lugares do país onde nem mesmo a iniciativa privada tomou conhecimento da penetração que o projeto tem entre novas safras de consumidores de música que só conhecem a realidade do download, enquanto a indústria tradicional agoniza e os produtores seguem apostando as mesmas fichas.

Juçara destaca que foi descobrir a imensidão e as minúcias da música popular brasileira, am-

**“tudo o que Juçara cria parte das vivências, palavra que prefere usar antes de se considerar uma pesquisadora de música”**



pliando irreversivelmente os horizontes quando rodou o Brasil nos seus interiores com A Barca, a partir de 1998, e nessas andanças, que também tinham propósito documental, pôde imergir no jongo, nas cantigas e levadas de Orixá, danças circulares e tudo o mais que o Brasil oculta debaixo de tapetes portugueses. Nessa mesma época foi apresentada a Kiko Dinucci, cujas composições lhe impressionaram de cara e, desde então, eles vêm afinando parcerias que teve um primeiro grande momento com o disco Padê, de 2007, em que Juçara intérpreta um repertório predominantemente composto por ele, além de clássicos de Candeia e Batatinha.

Exu abre os caminhos, torna possível a comunicação, tudo o que Juçara cria parte das vivências, palavra que prefere usar antes de se considerar uma pesquisadora de música. Ainda que não seja iniciada em terreiro, lhe impressiona o olhar africano para o sagrado e a tradução que essas narrativas milenares alcançam da natureza humana.

Juçara grava em novembro um disco novo que vai assinar. O Metá Metá tem se apresentado com Os Mulheres Negras, além de retrabalhar a obra de Itamar

Assumpção, dois enormes faróis da música paulistana década de 80; recentemente gravaram Let's Play That, de Jards Macalé, após convite para participar de coletânea. Thiago França lança mais ou menos um disco por semana, além de tocar com Criolo, Rodrigo Campos, MarginalS, enquanto Kiko encabeça outro grupo de extrema relevância para a mesma cena, que tem a voz de Romulo Fróes, o Passo Torto. A constância e compulsão criativa que os entrelaça não deixa escapar que, aliás, Metá Metá significa, em iorubá, a fusão de três em um♦

# A VOZ DA FAVELA

# OS DEZ ANOS DA MORTE DE SABOTAGE

por Jefferson Bredow

*Sabotage cantou a favela como ela é. Sua palavra: uma denúncia. Sua arma: a rima. Dessa forma, descreveu o cotidiano de milhões de brasileiros, relatado por quem vive essa realidade diariamente. Sua música foi e continua sendo um retrato fiel da cultura de um povo marginalizado. A favela foi o berço e o caixão do músico, criado no Canão e eternizado na história da música brasileira.*

**S**abotage, apelido pelo qual era conhecido Mauro Mateus dos Santos, foi rapper e compositor, além de ter atuado em dois filmes. A carreira promissora do artista foi interrompida em janeiro de 2003, quando com 29 anos, foi assassinado a tiros depois de levar sua mulher, Maria Dalva, até o ponto de ônibus. Completam-se em 2013, portanto, 10 anos da morte de Sabotage. Porém, sua importância para o rap e o legado deixado para a música brasileira se mantém cada vez mais vivo. Além disso, Sabotage foi espelho para sua comunidade e deixou uma lição para as gerações seguintes: a lição do jovem negro, marginalizado pela sociedade, que largou o

tráfico para se dedicar a música. Cantando a cultura e o dia-a-dia da favela, "Sabota" se tornou um dos maiores rappers do Brasil. O rap é compromisso, não é viagem.

O crime ocorreu na Zona Sul de São Paulo, perto de onde o músico morava, em um suposto acerto de contas entre facções do tráfico da região. Zona Sul, cotidiano difícil. Mauro foi indiciado criminalmente duas vezes, uma por porte ilegal de arma e outra por tráfico de drogas. Sabotage não escondia de ninguém seu envolvimento com o crime. Em suas composições do álbum *Rap é compromisso*, de 2001, o único lançado pelo compositor enquanto ainda era vivo, o tema é recorrente. Sabotage narra momentos de quando foi assaltante e da época que comandou o tráfico de drogas na Favela do

EU SOU UM  
PROBLEMA  
PRA QUEM  
PENSA  
QUE O RAP É  
PRA PK

Canão, pequeno conjunto de barracos encravado no bairro do Brooklin, onde o músico viveu maior parte de sua vida. No mesmo ano de lançamento de seu disco, "Sabota" mudou-se para a favela do Boqueirão com o intuito de fugir das brigas entre o tráfico local.

Em suas letras, sempre fez questão de ressaltar a importância da música em sua vida e como o rap foi importante para mudar o rumo dessa história e tentar trilhar um caminho diferente daquele tomado costumeiramente por quem se envolve com o tráfico de drogas. Familiares afirmam que Mauro estava longe do crime há mais de 10 anos. "Ele tem uma história que precisa ser conhecida", afirma com entusiasmo o diretor do documentário *Sabotage: o Maestro do Canão*, Ivan Ferreira. Ivan conheceu o músico em 2002, durante uma entrevista para o documentário "Favela no Ar", que continha diversos depoimentos de músicos que estavam fazendo sucesso no underground do hip-hop nessa época. O diretor passou um dia gravando com o rapper na Favela do Canão, e conta que Sabotage era uma pessoa muito querida pela comunidade. "Por onde ele passava, as crianças começavam a seguir ele e, de repente, ele já estava rodeado por elas", relata Ivan. Ivan também conta um momento curioso vivido com o músico: em certo momento das gravações, Sabotage, rodeado de crianças, começou a cantar uma música de sua autoria e acabou errando a letra. Contudo, as crianças seguiram a letra e o ritmo da música corretamente, provocando risadas do músico. "Tá vendo? Tem que fazer uma escolinha de rap pra esses moleques". O diretor afirma: "Todos tinham um respeito muito grande por ele". Respeito é pra quem tem.

"Quando saímos de lá, eu já sabia que tínhamos um conteúdo muito foda", afirma Ivan. Segundo o diretor, Sabotage parecia pressentir que não teria muito mais tempo para expressar suas ideias e aquela era a melhor oportunidade para ser ouvido. "Ele tinha

tanta coisa pra falar, que depois da primeira pergunta que fizemos, ele já tinha respondido as outras 20 que preparamos", conta Ivan Ferreira. Entre uma história e outra, bem articulado, o rapper já previa: "se eu morrer agora, a minha parte já fiz". Pouco mais de 6 meses depois das filmagens no Canão, Sabotage foi assassinado. Morreu mais um na Sul, o boato rolava. Depressa, Ivan lançou um documentário contendo apenas as filmagens brutas do dia passado na favela com o músico, ganhando reconhecimento e prêmios em diversos festivais.

Desde então, a ideia de fazer um documentário completo, de início, meio e fim, contando toda a trajetória do músico, veio amadurecendo. Ivan explica que desde a morte do artista, sente-se imbuído da missão de contar essa história. Junto com o produtor Denis Feijão, foi atrás de depoimentos para recriar a vida de Sabotage. Dentre os familiares e as diversas personalidades que foram entrevistadas pelo diretor estão: Paulo Miklos, vocalista dos titãs e com quem Sabotage atuou em *O Invasor*, de 2001; Mano Brown, dos Racionais MC's, que canta na faixa *Cocaína* com o músico, Rappin Hood, parceiro de composição, Sandrão e Helião do lendário grupo RZO, responsáveis por colocar Mauro "nos trilhos", entre outros. O cineasta Héctor Babenco, que dirigiu Sabotage no filme *Carandiru*, fez um desafio a Ivan: encontrar alguém que falasse mal do músico. "Só tem coisa boa para falar do cara", exalta o diretor.

O documentário *Sabotage: o Maestro do Canão* deve ser lançado no ano que vem pela 13 produções, produtora independente, e será exibido primeiramente em festivais. O diretor, Ivan Ferreira, ainda luta para conseguir patrocínio e possivelmente exibi-lo nos cinemas. Parte da renda do filme será destinada a família de Sabotage, que sofre com dificuldades financeiras desde que o músico morreu. Mauro Mateus dos Santos era pai de 3 filhos ♦

NEGO  
NÃO PAPA  
NO TEMPO  
C'ÉJA UM  
TORNAMENTO

# A BATALHA DO MERCADO

por Maurício Lobo

**D**ez horas da noite de um sábado em Porto Alegre, e tu tá andando sozinho pelo Centro. As ruas que um pouco mais cedo transbordavam pessoas agora estão desertas. Escuras. E silenciosas. “Um lugar para se estar ligado, no mínimo” é o que tu pode estar pensando. Agora tu passa perto do Mercado Público. O que acontece em seguida: tu observa um grupo de 50, 60 pessoas cercando alguma coisa e repetindo, em voz alta: “Sangue! Sangue! Sangue!”. O que tu faz em seguida? Uma sugestão: te aproxima.

Está para começar a Batalha do Mercado, campeonato de rimas independente realizado todos os últimos sábados do mês por uma galera muito da paz, onde vencem somente os mais perspicazes, expressivos e originais numa das ramificações essenciais do rap (e talvez da música mesmo): o improviso.

Antes de me aprofundar na história da batalha, seus membros e o que ela vem representando em Porto Alegre, gostaria de dizer que, com o objetivo de me inteirar e conhecer melhor a cultura hip hop, busquei um guia para essa jornada; Lucas Mello, o Carro Chefe, uma das vozes mais marcantes da nova geração de músicos de Porto Alegre - canta, rima, escreve, atua, improvisa, dança, desafia, chora e transgride - aceitou meu convite e agregou um colosso de informações e ideias para esta matéria.

A Batalha do Mercado originou-se em dezembro de 2011 e suas raízes são paulistanas. A Batalha da Leste, uma das mais tradicionais de São Paulo, trouxe alguns dos seus representantes para uma edição gaúcha. Vitinho Names, do grupo SN Lombra, foi o vencedor. Aproveitando a ocasião e uma antiga vontade, ele e seu grupo, somados à auxiliar administrativa Aretha Ramos, tomaram a decisão continuar com as batalhas em solo porto-alegrense. Por uma questão de acessibilidade, foi definido que as batalhas aconteceriam no centro da cidade. “Não tava mais rolando as batalhas que rolavam

na Cidade Baixa, então decidimos fazer a nossa inspirada nas batalhas de rua, de graça e a capella” conta Names. Para quem não sabe, a capella é quando se canta - nesse caso, rima - sem acompanhamento instrumental; é tudo com a tua voz e o quão forte ela pode ser.

A Batalha desenvolve-se da seguinte maneira: inscreve-se quem quiser (é só chegar um pouco mais cedo), até fecharem 8 ou 16 MC's. Eles enfrentam-se na fórmula mata-mata (perdeu, tá fora). Cada batalha funciona no esquema 'melhor de três' rounds, sendo que em cada round os competidores têm quarenta segundos de total liberdade para tentar sobrepor-se ao adversário perante a plateia. Pode ser sutil ou xingar a mãe do oponente; tudo é válido. O que precisa mesmo é agradar o público, porque só ele vai decidir, fazendo mais barulho, quem segue na batalha. Entre os rounds, para esquentar a disputa, a galera grita, com entusiasmo, o que quer ver figuradamente: “Sangue! Sangue! Sangue!”. O literal não rola; o pessoal faz questão de repudiá-lo, pelo bem da batalha e de quem participa.

Não é necessário ser um grande improvisador para batalhar. Ao acompanhar algumas batalhas pude ver uma galera bem diversificada, de estilos e capacidades variadas. Ao mesmo tempo em que tu vê caras como Miguel Kromado, Nego Joca, Negrite e Fantasma - os mais experientes que pude conhecer lá - explorando o vocabulário com destreza, é possível também

ver uma gurizada, em geral mais nova, sem tantos recursos na rima. Penso que estão começando, ou apenas se divertindo, ou ainda, um tanto alcoolizados e querendo alguns segundos de atenção. Mesmo assim, me impressionei com esse pessoal. É preciso muita confiança para se meter no meio de sessenta pessoas e botar a cara a tapa desse jeito! Carro Chefe, que além de tudo é praticamente um historiador da música negra, não se impressiona e argumenta: “Não julgo a coragem, é o primeiro passo pra se ter legitimidade no hip-hop. Botar a cara na pista não me é impres-



Lucas Mello. Foto por Yamini Benites



A batalha

Fora do Eixo. Creative Commons.

sionante dado que esse movimento tem raízes dos anos 50 já, mas se moldou como tal lá pelos 70 com a Sylvia Robinson e Sugarhill Gang nos Estados Unidos e os Toasters jamaicanos. A cara de pau é a convenção do rap”.

#### *A cara de pau é a convenção do rap.*

O fato de ser o público que decide os vencedores, apesar de democrático, traz por vezes uma polêmica: o MC que levar mais amigos vai sempre vencer? Carro Chefe diz que já perdeu injustamente dessa forma. “Se eu levar muita gente pra gritar pra mim e eu fizer um rima fraca eu ganho, indiferente do que for ali exposto. Isso força mais a desenvoltura do MC, mas ainda assim tem momento que nem a performance salva”. Vitinho Names conta que isso também já aconteceu com ele, mas argumenta: “Se o cara é do tipo que se apega nisso, já tá perdendo na atitude. Batalha é sangue, e nada melhor do que ver os amigos do teu adversário gritando pra ti porque tu tá rimando melhor”.

Ainda sem muito espaço nas mídias tradicionais, a Batalha do Mercado – assim como o rap gaúcho como um todo – busca difundir-se através do boca a boca e é claro, da internet. Há um perfil da Batalha no Facebook, que é constantemente atualizado com artes divulgando os eventos e vídeos de algumas batalhas, além de um Twitter. Para incentivar o crescimento da cena, prêmios são dados aos vencedores: roupas, livros, beats (batidas eletrônicas para rimar em cima), gravações gratuitas e espaço para apresentar trabalhos autorais em rádios independentes são sempre disponibilizados por parceiros que apoiam o hip hop em Porto Alegre e pelos próprios participantes da Batalha.

Como dito anteriormente, não há muito espaço – mas não quer dizer que não esteja crescendo. A Batalha do Mercado aumenta seu público a cada edição. “Inicialmente, quem frequentava era praticamente só a galera da cultura hip-hop e os moradores de rua do centro” conta Joaquim Lima, o Nego Joca. A fama da Batalha cresceu e, com ela, o interesse pelo

rap em Porto Alegre. “Mano, eu diria que a Batalha ressuscitou a cena do rap gaúcho. A batalha aumentou o nosso público e conseqüentemente aumentou o número de gente querendo fazer rap, nessa fita aí veio uma rapa talentosa. Aumentou conseqüentemente o público dos MC’s e grupos daqui, gerando muito trampo pra fazer, foi bom demais isso. Até dois anos atrás quando tinha show aqui de MC de fora, não tinha nenhuma atração gaúcha. Hoje conseguimos por na cabeça das produtoras que quando elas trouxerem um MC de fama nacional tem que ter show de grupo de rap daqui, porque aqui também tem rap bom e o povo tá começando a reconhecer e valorizar isso” finaliza.

O rap é um gênero musical surgido de comunidades negras. Desde seu nascimento, funcionou como uma força questionadora, denunciando a desigualdade e a discriminação, expondo o estilo e a filosofia de vida das camadas desfavorecidas e agindo como afirmação da cultura negra. Atualmente, nos Estados Unidos – onde a maioria esmagadora de rappers é negra –, é um negócio extremamente lucrativo e com mercado ainda em expansão. A situação no Brasil é um pouco diferente. Além de ter um mercado ainda fraco (mas que dá indícios de estar crescendo), vemos aqui uma aceitação multiétnica da cultura hip hop, tanto de artistas como de público. “O rap nacional sempre foi miscigenado. os grupos de rap da nova escola, do mainstream, são compostos muitas vezes por brancos. o conflito aqui é muito mais socioeconômico e cultural do que étnico” afirma Carro Chefe. “O rap já não é mais uma voz da favela. Ele é uma linguagem universal que indifere de contexto pra se manifestar”. Na Batalha do Mercado, a maior parte dos MCs é negra. Há alguns brancos, igualmente competentes. Quanto ao público, não há maioria. Mas o pessoal de lá não parece estar muito preocupado com isso. Não naquele momento. O que eles querem ver, às 22 horas do último sábado do mês, na frente do Mercado Público de Porto Alegre, é de uma cor só e todos têm: “Sangue! Sangue! Sangue!” ♦

# DEIXA O MENINO JOGAR

por Marina Pagno

**P**ouco se sabe sobre a origem da capoeira no Brasil. Muitos afirmam que ela foi trazida por escravos de origem africana, naturais de Angola. No entanto, a hipótese mais aceita atualmente é que a manifestação cultural foi genuinamente criada no Brasil, por esses mesmos escravos. Mas, o que é capoeira mesmo? Um jogo, uma luta ou uma dança?

Na verdade, é uma mescla de tudo isso. A capoeira talvez seja a expressão do que há de mais brasileiro em termos de atividade cultural. Ela representa a luta de um povo pela sua liberdade.

## A malemolência como ferramenta da defesa negra

A capoeira nasceu durante um dos períodos mais assombrados da história brasileira – a escravidão. A luta surgiu dentro dos quilombos, comunidades organizadas pelos negros fugitivos, em locais de difícil acesso. Ali, a capoeira era desenvolvida e aperfeiçoada como uma forma de defesa pelos escravos. O negro, sem armas, poderia se livrar dos chamados “capitães-do-mato” só com a ginga e a malemolência da luta.

Para quem não conseguia fugir das senzalas, a solução foi praticar a capoeira aos olhos dos senhores de engenho. Como os escravos eram proibidos pelos seus “donos” de praticar qualquer tipo de luta, os movimentos da capoeira foram adaptados com músicas africanas, para ser confundida como uma dança. Afinal, nenhum povo vive eternamente sob um regime de escravidão sem se revoltar.

## De uma prática negra, para uma prática vagabunda

Com a abolição da escravatura e a extinção dos quilombos, a capoeira saiu das matas e invadiu as cidades. Nas zonas portuárias, principalmente do Rio de Janeiro e de Salvador, o jogo ganhou a malícia dos chamados “negros de ganho”. Os capoeiristas saíam das rodas e provocavam arruaças nas festas populares das cidades. Os adeptos do jogo se tornaram notáveis por suas façanhas, criando uma imagem não tão boa de quem praticava a capoeira. Nesse momento, a prática passa a ser



Children At Risk Foundation Brazil

associada à vadiagem e à malandragem do povo. Até que em 1890, justamente na iminência da República Velha, a capoeira foi proibida no Brasil. Mais uma vez a luta se tornou um símbolo de sobrevivência e liberdade de um povo.

Esse quadro só mudou pela presença de um dos capoeiristas mais importantes do Brasil. Em 1935, Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba, apresentou ao então presidente Getúlio Vargas uma variação mais "leve" da luta. Vargas - na época fissurado pela ideia de expandir a "brasilidade" do povo - decidiu transformar a capoeira em um esporte nacional. A partir daí, as rodas, gingas e pernas voltaram a se espalhar pelo país.

#### "Faz que vai e não vai"

Berimbau, pandeiro, atabaque e ganzá. Uma roda e dois jogadores. É assim que a capoeira se constrói. Com um ritmo acelerado ou lento, o que vale na luta é a malemolência dos participantes. A capoeira é um diálogo de corpos. O vencedor é aquele que não obteve resposta do parceiro. De uma forma articulada, dois capoeiristas se benzem ao pé do berimbau, o principal instrumento, e iniciam um jogo que envolve perguntas e respostas corporais. Quando um terceiro pede passagem, um capoeirista se dá lugar até que, sucessivamente, todos entrem na dança.

Com convicção, dá para falar que a capoeira é uma luta que não esqueceu suas origens. As músicas ainda são voltadas para o cotidiano dos escravos. E a malícia dos "vagabundos" ainda se faz presente. Na verdade, a chamada mandinga é um dos pontos altos da capoeira. A malandragem consiste num jogo de "faz que vai e não vai", uma ginga de corpo que engana o adversário e faz com que a capoeira seja diferente das outras lutas.

#### A capoeira de competição

Aos poucos, a capoeira foi deixando de ser apenas um jogo ou uma brincadeira, e passou a ser levada para as competições. João Fernando Bonfá, mais conhecido como Manga, joga há 17 anos. "Me identifiquei de cara com o esporte quando o conheci, em 1996. Não lembro de ter faltado um treino", conta.

Depois de 4 anos de malemolência, Manga resolveu participar de competições, através do grupo Abadá Capoeira, um dos mais completos do país. "Os jogos são divididos por categorias, graduações e peso e são bem organizados. A cada dois anos, o Brasil sempre leva representantes para o mundial", conta o capoeirista, que é instrutor e possui a corda de cor roxa, segundo a graduação brasileira.

No entanto, Bonfá conta que nem tudo são mil maravilhas. "Agora que a capoeira está começando a se organizar, mas ainda tem muita rivalidade e, principalmente, vaidade". O capoeirista explica que muitos mestres não aceitam que outros mestres ou outros grupos se destaquem no meio. "Tem também uns caras que fazem shows e pedem dinheiro quando acaba a roda, não buscam se profissionalizar. Isso suja a imagem da capoeira". Acima de tudo isso, João Fernando Bonfá encara o jogo como uma filosofia de vida. "A capoeira preencheu uma lacuna na minha vida. Ela foi o divisor de águas para eu não ir por outros caminhos", relembra.

Regada por muita história, e acima de gingas e preconceitos, a capoeira apenas clama por liberdade. "Deixa o menino jogar!", pô. E para encerrar esse singelo texto, deixo a ladainha com que as rodas de capoeira terminam:

"Adeus, adeus, boa viagem! Eu vou-me embora, boa viagem! Eu vou com Deus e Nossa Senhora! Boa viagem... Chegou a hora!" ♦



Capoeira de rua na cidade de Salvador, Bahia



# FUTEBOL: ESPORTE DOS BRANCOS

por Manuela Ramos

*"Onde se podia encontrar melhor demonstração de que tudo era como devia ser? O branco superior ao preto. Os ídolos do futebol, todos brancos. Quando muitos, morenos".*

Desde sua criação, o futebol tem muitas partes brancas, já que nenhum negro podia jogar. Ter um preto no time era motivo de vergonha. Negros não poderiam estar no mesmo patamar que jovens brancos, de famílias nobres. Viver do futebol? Jamais!

*"Os melhores jogadores continuavam a serem os brancos, de boa família. Apenas os brancos, de boa família, não passavam o dia rodo com a bola nos pés, tinham outras coisas a fazer".*

Durante o amadorismo do futebol, os brancos sempre foram superiores. Com a crescente adoração do público pelo esporte, cresceu também a competição entre os clubes. Não bastava mais se divertir, era preciso ganhar. Jogadores machucavam-se com maior frequência e desfalcavam o time. Quem pôr no seu lugar já que o futebol não era profissionalizado e não existiam tantas opções? Os negros?

*"Preto só entrava no escrete uma vez na vida e outra na morte. E quando um branco devia jogar estava fora, doente ou coisa que o valha. Então o preto podia jogar".*

Apenas após a profissionalização dos clubes e o amor da

torcida pelas vitórias que pode ser aceito negros no time. Mesmo assim, não era em qualquer clube.

*"Desaparecera o limite, que até os clubes pequenos respeitavam, para o número de mulatos e pretos no time. A única coisa que importava era o jogador. Se fosse bom, podia ser mulato, ser preto, os clubes da zona norte abriam os braços para ele".*

Só foram sendo mais aceitos quando surgiram os ídolos. Não aquele que largou tudo para jogar bola e era um bom jogador. Mas sim aquele que não tinha nada, dava o amor pela camisa, fazia seu marcador cair em sua frente, aquele cara simples que levantava taças, aquele cara preto.

Arthur Friedenreich, Leônidas da Silva, Garrincha e Pelé foram os principais de uma época. Foram os primeiros. Friedenreich, a primeira principal estrela do futebol brasileiro; Leônidas, o Diamante Negro; Garrincha, o preto de pernas tortas que fazia seu adversário dançar, e Pelé, o Rei.

*"Se era "Rei", o que eram aqueles pretos admiráveis que o formaram, que o modelaram, que só lhe ensinaram o que era bom? Eis o que todos precisavam conhecer. Para isso ele tinha de ser o que era: um preto. [...] Os que o admirassem pelo mundo afora teriam de admirá-lo como preto. Não queria ser melhor do que ninguém. O preto não era melhor do que o branco, o branco não era melhor do que o preto. E ele era preto".*

Cena de Garrincha, Alegria do Povo

Muitos seguiram seu caminho e tornaram-se ídolos no futebol. Infelizmente, campanhas contra o racismo ainda precisam ser realizadas. A Federation Internationale de Football Association neste ano aumentou, mais uma vez, a pena para o racismo no futebol. Os clubes poderão sofrer com perda de pontos, rebaixamento e expulsão dos campeonatos. Já os jogadores poderão pegar suspensões de pelo menos cinco jogos e terão de pagar multas mais altas. Além disso, a FIFA irá disponibilizar um centro para que os jogadores vítimas de preconceito possam denunciar os casos.

Para demonstrar apoio à campanha, o Grêmio Football Porto Alegrense lançou um vídeo no qual seus principais jogadores e sua direção falam contra o racismo. Estrela da campanha e ex-jogador da Seleção Brasileira, Zé Roberto fala como é ser negro no futebol mundial. Ídolo na Alemanha, onde jogou no Bayer de Munique, no Bayer Leverkusen e no Hamburgo, Zé conta que nunca presenciou o racismo jogando: "Também nunca passei por isso, mesmo lá onde ainda existe o preconceito". Para ter tido essa ótima experiência e não ter sofrido rejeição, Zé acredita que fez conquistar esse direito: "Através da minha conduta profissional que eu adquiri respeito. O povo alemão valoriza muito isso". O jogador não tem a pretensão de ser um líder contra a causa, mas caso seja necessário, ele sempre lutará contra ela. Sobre a campanha do Grêmio, ele conta que nunca havia participado de algo parecido em outros clubes: "Mas achei uma bela iniciativa. E eu ser convidado me deixou muito feliz e na hora fiz questão de participar e colaborar".

Não são as campanhas coordenadas por clubes e entidades que irão acabar com o racismo. "Acho impossível que



termine, infelizmente, porque cada um tem a sua maneira de pensar. Tem muita gente atrasada ainda e sempre tem uma minoria com essa mentalidade", explica Zé Roberto. Para ele, "já foram feitas ótimas campanhas, algumas muito bem pensadas", mas nunca será o suficiente. A tristeza é um sentimento que abate o jogador quando pensa nessa questão: "fomos criados iguais, independente da raça, da cor ou de onde nasceu. Perante Deus somos vistos todos iguais e não cabe julgar alguém pela cor ou pela nacionalidade".

*"Assim Pelé cumpria uma missão. [...] Para permitir que os pretos, brasileiros e de todo o mundo, pudessem livremente ser pretos."*

Mario Filho

### O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO



Mario Filho

O Negro no Futebol Brasileiro  
de Mario Filho

Mario Filho nasceu em Recife, no ano de 1906, e foi o maior jornalista esportivo brasileiro. Publicou diversas obras sobre futebol, como *O negro no futebol brasileiro*, escrito em 1947, que conta a trajetória dos

negros no início do esporte no Brasil, de onde foram tirados trechos dessa matéria. Mario é irmão de Nelson Rodrigues que disse a famosa frase "Mario era tão grande que deveria ter sido enterrado no Maracanã", estádio que tem seu nome. Ele faleceu em 1966.

# A TRACÇÃO FARROUPILHA

O que a história oficial não conta

por Cecília Ribeiro

*Temidos por sua força e destreza com armas, a única infantaria farrapa-composta por negros foi massacrada, em um episódio da história do Rio Grande do Sul que durante muito tempo ficou adormecida em documentos que há pouco começaram a ser estudados.*

Os Lanceiros Negros como ficaram conhecidos, fazem parte da história da Revolução Farroupilha que até hoje não foi esclarecida e ainda deixa dúvidas sobre a legitimidade dos ideais dos coronéis que rebelaram-se contra o Império. Em 1836 escravos e ex-escravos campeiros, domadores de cavalo e tropeiros, trabalhadores das charqueadas de Pelotas e de Piratini, viram na Revolução Farroupilha sua possibilidade de emancipação na luta pela formação da República Rio-Grandense.

O título de Lanceiros foi dado aos negros por ser a única arma que eles tinham para lutar. É aqui que aparecem as primeiras falhas nos ideais do exército republicano. Foram montadas duas infantarias, a primeira em 1836 e a segunda em 1838, para ficarem na linha de frente do combate, nenhuma delas possuía armas como as demais tropas, nem as roupas adequadas para o combate. Tendo como moeda de barganha a alforria, os farrapos conseguiram juntar mil homens na tropa dos lanceiros. Essa tática não era utilizada somente pelos provincianos, o Império se utilizava dos mesmos meios para juntar o maior número de escravos possíveis nas primeiras fileiras das batalhas.

Em História Regional da Infâmia de Juremir Machado da Silva constam registros históricos da época, pouco explorados pelos pesquisadores até então, que endossam essa versão e mostram que os interesses de Bento Gonçalves não condiziam com as promessas feitas aos escravos. A proposta de constituição construída em Alegrete no início da revolta não tratava de marcos abolicionistas caso a República se emancipasse do Império. Para escrever esse livro foram mais de 15 mil documentos pesquisados que reforçam a teoria de que os ideais de generais como Bento Gonçalves eram monarquistas, como se pode ver no inventário da sua herança que consta dezenas de escravos que permaneciam trabalhando em sua fazenda desde o conflito.

A historiografia oficial do estado enalteceu durante anos os heróis de uma guerra que ofereceram tudo ao Império, comprometendo a prometida liberdade de seus escravos para não ter seus direitos vedados no acordo pelo fim do conflito. Foi em 1844 que a paz entre

Império e Província já começou a ser negociada, mas os interesses dos dois lados esbarravam na possível libertação dos negros após a guerra. O atual município de Pinheiro Machado foi o cenário onde aconteceu esse massacre. Desarmados por Canabarro com a desculpa de que suas armas

seriam guardadas para um confronto posterior e deixados em campo aberto, os Lanceiros caíram em uma emboscada e foram atacados pelas tropas imperiais que já sabiam de sua localização, tornando o que poderia ser uma batalha campal em um massacre inevitável. Essa história inicialmente foi divulgada como a 'Surpresa de Porongos' contada como se a tropa farroupilha tivesse sido surpreendida pelo Império que estrategicamente aguardavam enquanto seus adversários baixavam guarda na beira de um arroio.

Historiadores como Mário Maestri em O Escravo Gaúcho — Resistência e Trabalho de 1993 afirmam que esse ato atroz contra os lanceiros respondia a uma necessidade dos líderes farrapos de acabar com o último impeditivo que distanciava o Império de assinar um acordo de paz com a província rebelde. Não era do interesse imperial correr o risco de ter negros que sabiam usar armas livres para incitar qualquer revolta contra o seu governo. Em um dos documentos dos anais do arquivo histórico do Rio Grande do Sul, consta uma carta que teria sido escrita pelo então Barão de Caxias e destinada ao Francisco Pedro de Abreu onde é dada a ordem para matar os negros e preservar os brancos: "No conflito poupe o sangue brasileiro quanto puder, particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda pode ser útil no futuro".

Após a madrugada do massacre em 14 de novembro de 1844, os dois lados da guerra resolveram todos os entraves para assinar o acordo de paz. Em fevereiro de 1845 o Tratado de Ponche Verde foi assinado e o Rio Grande voltou a ser província. Os ideais de liberdade pelos quais os lanceiros lutavam ao lado dos farrapos, que brigavam por impostos e questões de interesse econômico, foram oprimidos e massacrados pelos interesses de quem era considerado genuinamente brasileiro. ♦



# RIO

Museu da UFRGS

NEGRA



BRANCO

# COLÔNIA

por Matheus Bertoldo Bazeggio da Rocha

*Ao revisitar a história do Rio Grande do Sul, encontramos facilmente uma grande lista de personalidades reconhecidas como heróis do nosso estado. Esses nomes, porém, costumam compreender apenas uma parcela da população formadora da sociedade rio-grandense atual: resquícios da colonização alemã e italiana, que ajudam a montar a imagem do gaúcho, homem branco e dono de terras.*

**N**a formação de Porto Alegre, capital do estado e fundada em 1772, o caso não é muito diferente. Abrigando, sim, um grande número de imigrantes de diversas partes da Europa, a cidade conta com muito mais, apresentando uma rica diversidade étnica desde seus primeiros anos de vida. Durante muito tempo, no período de colonização do estado, uma enorme quantidade de africanos foi trazida para cá, para servirem de escravos. Infelizmente, os afrodescendentes dificilmente são lembrados, por mais que tenham deixado muitas marcas espalhadas no espaço geográfico e na cultura, não só em Porto Alegre, mas por todo Rio Grande do Sul.

### Construção histórica e social de Porto Alegre

**C**om o fim das charqueadas no interior do estado, muitos escravos foram enviados para Porto Alegre, enquanto o crescimento urbano ocorria. Atualmente, é fácil perceber que a maior concentração de população negra acontece em bairros de periferia, afastados do centro da cidade. O histórico de formação desses bairros é sempre muito parecido, nos ajudando a entender a configuração atual da cidade.

Bairros como Partenon, Jardim Carvalho e, mais recentemente, Restinga apresentam população majoritariamente negra, além de serem constituídos por moradores, em sua maioria, de classe média baixa. A Restinga, por exemplo, se forma a partir de pessoas que são assentadas lá em um processo de esvaziamento do Centro, que precisava de uma imagem “melhor”, como aponta o pesquisador Tiago Bassani Rech. Essa forma de maquiagem a realidade de grandes centros urbanos acontece ainda hoje, empurrando boa parte da população negra para a margem não só de onde vivemos, mas da nossa história, aumentando a segregação étnica e econômica presente nas nossas vidas.

As ruas de Porto Alegre, no entanto, já foram bem diferentes. Em locais mais centrais, onde a escravatura era significativa, é possível perceber certos elementos da população afrodescendente, carregando muito da nossa cultura. Praças, ruas, becos... todos esses lugares, muitos deles habitados hoje em dia por pessoas que não fazem ideia de seu passado, apresentam em suas origens traços da colonização africana. As mudanças não ocorrem apenas nos espaços físicos, mas relações sociais são colocadas em um lado obscuro, renegadas do passado, eliminando parte da história dos negros de Porto Alegre.

### O bairro Colônia Africana

**O** Rio Branco, bairro vizinho de outros como Bela Vista e Independência, está localizado em uma das regiões mais nobres de Por-

to Alegre. Nomeado em homenagem ao Barão do Rio Branco, o território já abrigou escravos alforriados e libertos, após a Lei Áurea. Na época, por volta do século XIX, seu nome era Colônia Africana, compreendendo também parte do Mont’Serrat e Auxiliadora.

A Colônia Africana teve um papel vital no surgimento do carnaval de Porto Alegre, assim como o Areal da Baronesa, outro antigo território negro da cidade. De lá, surgiram muitos grupos carnavalescos, que ajudaram a popularizar a festa por outros pontos da cidade e influenciaram no modo como ela se estrutura no presente no sul do país. Af-vem-a-Marinha, Namorados da Lua e Embaixadores são só alguns dos grupos formados.

Até a década de 1950, a antiga Colônia Africana era organizada em pequenas propriedades rurais, com sua população predominantemente negra. Na região, encontravam-se também diversas casas de religião de matriz africana, diretamente relacionadas à cultura do povo ali presente. Com as mudanças do bairro acontecendo aos poucos – começando pela troca de nome, para Rio Branco – surge também a imposição de uma cultura europeia, até mesmo no território que já possuía sua identidade cultural e religiosa definida. Igrejas católicas começaram a ser construídas nas redondezas ainda no início do século XX.

Mesmo que, inicialmente, muitos historiadores apontem a falta de fiéis conquistados em seus primeiros anos, o bairro aos poucos foi tomando outros rumos. Hoje, o Rio Branco é um dos locais com o menor número de casas de religiões africanas de Porto Alegre. Essa mudança de comportamento se dá paralelamente ao crescimento do mercado imobiliário da região, que acabou fazendo com que seus habitantes “originais”, de baixa renda, fossem mandados para outras áreas, transformando o Rio Branco em uma área para as classes mais elevadas e cortando assim, parte da negritude que originou sua história.

### Resgate cultural

**N**os últimos anos, tenho notado uma tentativa de reverter essa situação de descaso com a participação dos negros na história do Rio Grande do Sul. Uma pesquisa rápida me faz perceber como diversos museus de Porto Alegre, por exemplo, estão apresentando trabalhos e exposições sobre o tema.

Estive, inclusive, no Museu Júlio de Castilhos em setembro. Encontrei diversos materiais resgatados da Guerra dos Farrapos, expostas lá desde quando visitei o museu com meu antigo colégio, ainda no ensino fundamental. Entre os artefatos mostrados, um canto em especial me chamou atenção. Tudo que era relacionado aos negros - que na época ainda trabalhavam como escravos

- era usado, na verdade, pelo homem branco, “gaúcho de verdade” que nos é mostrado diariamente, para exercer seu controle sobre os afrodescendentes.

Para muitos, essa parece ser a única contribuição dos negros na formação da nossa história. Na hora, escutei até um senhor que, ao meu lado, resolve comentar como “a escravidão foi importante para a economia do nosso estado”. Pode até ter sido, mas e toda a herança cultural dos povos africanos que chegaram aqui um pouco depois dos europeus e, mais ainda, dos indígenas, que já se encontravam povoando partes do estado? Tudo isso, infelizmente, parece ser ignorado.

Percebo, mais de longe do que gostaria, uma movimentação diferente do usual. O Bloco da Laje, coletivo formado em 2012 por artistas e interessados em movimentar nossa cidade, organizou, no último dia de agosto de 2013, um cortejo na rua Casemiro de Abreu, importante ponto do atual Rio Branco. O encontro tinha a intenção de celebrar o local, conhecido por muitos anos como Colônia Africana. Diferente das diversas lembran-

ças que se costuma ter do papel dos afrodescendentes em Porto Alegre, o bloco e seus participantes, assim como outros colaboradores – como a Turucutá Batuca-da Coletiva Independente – levaram ao atual bairro Rio Branco um pouco de seu passado.

O cortejo não foi feito pra mostrar como os escravos eram tratados, por mais importante e doloroso que seja retratar isso. Não era pra falar sobre como a escravidão “ajudou na economia” do Rio Grande do Sul. O objetivo era celebrar a cultura negra, que viveu ali por muitos anos e, até então, parecia estar enterrada embaixo dos grandes e luxuosos prédios que tomam conta das ruas presentes. Apresentar, aos atuais moradores do Rio Branco, o passado do lugar onde moram, a música que costumava tocar a todo vapor, as cores vibrantes que tomavam conta das vias, os sorrisos que iluminavam um dos locais que deu início ao carnaval. Mostrar, enfim, o verdadeiro bairro Rio Branco ou, melhor dizendo, Colônia Africana ♦

Yamini Benites



# COM PLE XO CUL TUR AL DO POR TO SE CO

“... eu quero ver, eu quero ver, o Porto Seco balançar...” Foi com este refrão que a União da Vila do IAPI entrou na avenida no ano de 2009 defendendo seu azul, vermelho e branco. O ano em questão marca um fato importante na cidade de Porto Alegre: os primeiros cinco anos de existência do Complexo Cultural do Porto Seco, o sambódromo atual. Como diz o enredo, o Porto Seco balançou, não ao sabor do samba, mas sim carregado por questionamentos e incertezas que perduram até hoje, às vésperas do aniversário de dez anos do local.

Desde 2004 as escolas de samba da Capital e da Grande Porto Alegre contam com uma área para desfilar seus enredos e alegorias durante as quatro noites de folia. O local, construído após muita discussão, ainda é alvo de polêmica por parte da comunidade carnavalesca: afinal, até que ponto é válida a existência do sambódromo? O Complexo Cultural do Porto Seco, localizado na Avenida Plínio Kroeff, no bairro Sarandi, possui 341 metros de pista, com largura total de 16 metros. A área de desfile compreende 12 metros. Cada setor de arquibancadas tem 12 degraus, com capacidade total para 8,6 mil pessoas.

O objetivo de melhorar a infraestrutura, os serviços prestados durante os desfiles e o projeto de construir um local para as escolas abrigarem

seus barracões é da gestão Olívio Dutra (PT), em 1992, embora a ideia só tenha se concretizado anos mais tarde, sob o comando do prefeito João Verle (PT). Mesmo com pontos favoráveis levantados pelos carnavalescos, tais como a segurança –segundo a Brigada Militar, o desfile de 2013 apresentou registros de ocorrências perto da nulidade –, as pessoas que vivem para o carnaval estão ainda insatisfeitas. O que é debatido e retomado por elas é que, ao criarem o Complexo Cultural, os “verdadeiros interessados” não foram ouvidos. Vale destacar, que até então os desfiles ocorriam na Perimetral e na Avenida Augusto de Carvalho, na região central da cidade. Para muitos foi uma decisão às escuras, de gabinete.

De acordo com o presidente da Império da Zona Norte, Ademir Moraes, conhecido como Urso, integrante na época da transferência da Associação das Entidades Carnavalescas de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul (AECPARS), a tentativa das autoridades foi retirar o carnaval da parte elitizada de Porto Alegre. O motivo: preconceito com a cultura popular. O deslocamento da festa para uma região periférica acabou por resolver um grande problema que se alastrava há anos: as reclamações dos moradores do centro referente à “bagunça” e insegurança durante a festa. Quando foi finali-

a primeira  
década do  
coração  
do carnaval  
longe do  
coração  
da cidade

por Lucilene Athaide

A presença dos barracões dentro do Complexo auxilia na logística das escolas e é um dos diferenciais do Porto Seco



Divulgação PMPA

zado o processo, a comunidade não viu com bons olhos a mudança e a revolta foi muito grande, como lembra o jornalista e vencedor de seis troféus Estandartes de Ouro Israel Ávila: "O Porto Seco, a princípio, era uma casa não quista pelo povo do carnaval, pela distância e pelas dificuldades que a comunidade carnavalesca encontraria no local".

Contudo, as explicações que a prefeitura tem para a transferência de área são bem diferentes. Segundo a secretaria municipal de Cultura, a grande vantagem do Complexo Cultural do Porto Seco é a possibilidade de melhoria na confecção de fantasias, uma vez que o local é o único sambódromo do país que possui os barracões dentro de sua própria estrutura. Neste ponto, as escolas de samba são unânimes em reconhecer: o avanço foi grande. Cleomar Rosa presidente da Bambas da Orgia alerta para o fato de que o barracão inserido no Porto Seco mudou o modo de fazer um bom carnaval em Porto Alegre. Hoje, a Bambas é uma das 11 agremiações do Grupo Especial que utiliza a estrutura durante o ano, inclusive para fabricar as alegorias do tradicional desfile de 20 de setembro.

Antes do Porto Seco, eram cedidos às escolas de samba de maior representatividade espaços para a realização do trabalho, geralmente nos armazéns do Cais do Porto. As escolas menores pagavam aluguel por algum espaço. Contudo, há uma grande controvérsia no que diz respeito à utilização do Complexo durante o ano. Pois se por um lado, algumas escolas dizem que fazem uso dos barracões, por outro, os vizinhos do sambódromo não gostam da ideia de ficar por perto nas épocas menos movimentadas do ano. Há relatos de que durante o ano o local se transforma em palco do medo e da insegurança.

"Fora da temporada do carnaval, as ruelas que entornam o Complexo servem para prostituição, a região do Porto Seco fora do carnaval é desabitada, propícia a assaltos e demais atos de vandalismo", reitera o carnavalesco Ávila, que é da opinião de que o carnaval de Porto Alegre não teve escolha e que está trabalhando com as possibilidades oferecidas, uma vez que o Acampamento Farroupilha, também uma manifestação cultural, continua no mesmo local de sempre: o Parque Harmonia, na região central de Porto Alegre, mais acessível e segura.

Divulgação PMPA



Uma das maiores reclamações diz respeito a ausência de arquibancadas fixas no local, o que sempre gera transtornos nas semanas anteriores à festa



Com o isolamento do local, surgem alguns outros problemas que, para quem faz carnaval, são cada vez mais difíceis de serem contornados, como o deslocamento até o sambódromo no dia do desfile. Para Tânia Regina de Freitas, diretora do Centro Municipal de Cultura e componente da equipe de produção do carnaval, a locomoção em dias de desfile é caótica e o Porto Seco é um lugar muito afastado. Para quem sai da Restinga, a viagem de ônibus dura quase duas horas. Isso prejudica muito a evolução e preparação dos componentes das agremiações, tanto de Porto Alegre como das escolas da Região Metropolitana.

#### Arquibancadas fixas: uma demanda constante

**M**ais do que qualquer coisa, a principal demanda de quem faz Carnaval tem sido a construção de arquibancadas fixas. Todos os anos, com a proximidade da festa, a prefeitura prepara uma força tarefa para construir a estrutura no local. Aos carnavalescos, a falta de arquibancadas é mais do que uma falha, é um desrespeito com a cultura da capital.

Entre todos os envolvidos na folia, é unânime o desejo de ver construídas as arquibancadas. Segundo Fábio Verçoza, Rei Momo e coordenador das culturas étnicas da Secretaria Municipal de Cultura, em março, isto é, depois

do desfile de 2014, será construído o primeiro módulo da estrutura, pois a realização do projeto depende de recursos da prefeitura e da iniciativa privada. "O espaço seria melhor se a iniciativa privada não se lembrasse dele só na época da festa. Falta interesse em dar ao povo negro porto-alegrense um espetáculo bonito", afirma Cleomar, da Bambas da Orgia.

Mesmo com tantos desafios, ainda há gente que acredita que um bom carnaval será feito por muitos anos ainda. Nelson Porto da Silva tem 60 anos de idade, 40 deles dedicados ao carnaval em Porto Alegre. Mesmo reclamando das instalações, da distância e da falta de arquibancadas fixas, ele é um dos que acredita que a capital gaúcha ainda terá uma folia mais bonita do que até mesmo os espetáculos do Rio de Janeiro e de São Paulo. "Esconderam nosso povo", afirma Seu Nelson. "Nos colocaram praticamente pra fora da cidade para os ricos não verem. Eles não gostam de carnaval, esta é a realidade. Mas sei que um dia seremos ainda muito melhores no que já fazemos bem".

Assim esperamos, Seu Nelson. Que o Porto Seco trema muitas vezes, mas que seja sob os gritos das torcidas defendendo seus pavilhões. Que venham os próximos dez anos ♦



Durante a produção desta revista, no segundo semestre de 2013, acabamos esbarrando no fato que há exatos 50 anos Martin Luther King subia ao Lincoln Memorial em Washington, para contar ao mundo que tinha um sonho. O aniversário desse manifesto coincidir com nosso trabalho (que toca, ou ao menos o tenta, em várias das questões abordadas por King em sua fala) foi um incentivo a mais para seguir em frente.

Mas a coincidência maior ainda estava por vir.

Em 5 de dezembro colocávamos o ponto final em todo o processo desta 3x4. Diagramação pronta, discutíamos entre a equipe alguns pequenos detalhes, mas felizes de têr terminado o trabalho. Na noite deste dia, soubemos da morte de Nelson Mandela.

Muito embora esta revista trate de questões afro-brasileiras e a vida e obra destes dois ícones estejam enraizadas na cultura e na problemática de seus países (e tanto África do Sul quando Estados Unidos possuem uma "gramática do racismo" bastante diversa da brasileira), é impossível não registrar os acasos e mais: deixar nossa homenagem aos ícones. E também a Zumbi, a João Cândido, a José do Patrocínio e tanto outros, famosos ou anônimos, vitoriosos ou derrotados:  
negros



## **EXPEDIENTE**

**3x4 2013/2**

### **REPORTAGEM**

Ana Carolina Giollo  
Cecília Ribeiro  
Diego Felipe Weiler  
Gabrielle de Paula  
Guilherme Augusto  
Hudson Nogueira  
Jefferson Bredow  
Jônatha Bittencourt  
Laura Xavier  
Leonardo Baldessarelli  
Lúcio Viegas  
Lucilene Athaide  
Luis Felipe Abreu  
Luiza Cuthi Mattia  
Manuela Ramos  
Marina Pagno  
Matheus Bertoldo Bazeggio da Rocha  
Maurício Lobo  
Nathalia Bittencourt  
Yamini Benites

### **COMISSÃO EDITORIAL**

Gabrielle de Paula  
Lucas Ebbesen  
Lucilene Athaide  
Luis Felipe Abreu  
Matheus Bertoldo Bazeggio da Rocha  
Yamini Benites

### **ORIENTAÇÃO**

Wladimir Ungaretti

### **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Leonardo Baldessarelli  
Luis Felipe Abreu

### **CAPA**

P.H. Lange

### **AGRADECIMENTO**

Ana Gruszynski

